

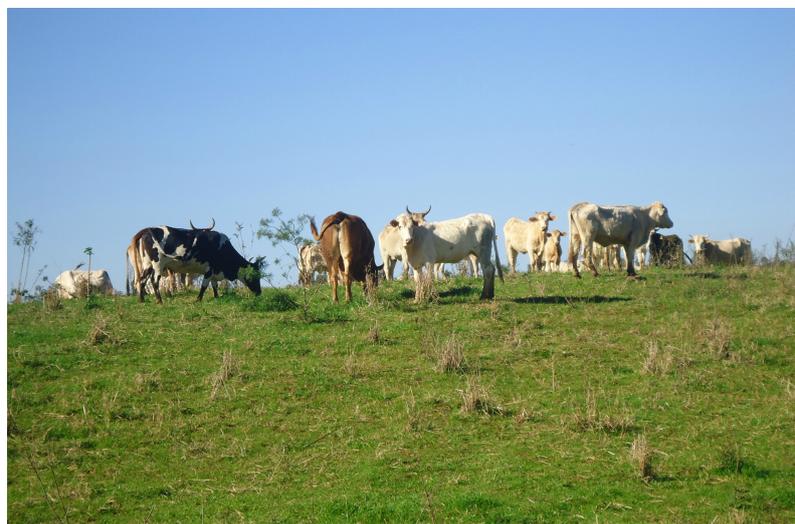


Narradores de Ouro

Uma cidade viva na memória

Matheus Nunes Faccin

Vol. 1



Matheus Nunes Faccin

**Narradores de Ouro:
uma cidade viva na memória**

Volume 1

2019

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
Campus Grande Florianópolis
Unidade Pedra Branca
Curso de Jornalismo
Semestre 2019/2

Livro-reportagem:
Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória
Autor: Matheus Nunes Faccin

Orientação	Raquel Wandelli
Projeto Gráfico e Editorial	Matheus Nunes Faccin
Capa/Imagens	Matheus Nunes Faccin Arquivo/Entrevistados Arquivo/Devotos de Frei Crispim Arquivo/Prefeitura de Ouro Arquivo/Biblioteca Municipal Prefeito Ivo Bazzo

UNISUL
Palhoça SC, 2019

Gostaria de agradecer a colaboração e boa vontade de muitas pessoas e instituições para viabilizar e engrandecer este projeto.

Aos ourenses que de maneira direta ou indireta são a alma do livro, ou seja, seus depoimentos, a acolhida e os momentos épicos vividos em Ouro, deram de forma humana e natural a tessitura das páginas que compõem esta obra. Do mesmo modo, são a garantia da valorização da vida em comunidade.

Ao meu pai, Vitor, que foi meu guia, “tradutor”, ajudante e parceiro durante as entrevistas. À minha mãe, Scylla, que sempre perguntava como estava o andamento do trabalho, fazendo o papel de mãe, preocupada e incentivadora. À minha irmã, Julia, que desde cedo, tem a oportunidade de conhecer de maneira mais aguda e afável a cidade que a acolhe. Enfim, à minha família, que desde o meu início na universidade não mediram esforços para me apoiar e oportunizar meu sonho. E como meu pai diz, “a velocidade das nossas conquistas está no ritmo de nossos planos e ações”. Por isso, só posso agradecer: obrigado por estarmos juntos em mais uma conquista!

À orientadora, Raquel Wandelli pela compreensão, dedicação e amizade, buscando sempre tirar o melhor de mim. Em seu nome, quero agradecer aos demais professores do curso que durante os quatro anos me auxiliaram na conclusão deste trabalho e com seus ensinamentos.

Aos amigos e amigas que se somaram ao longo do caminho de forma especial e verdadeira. E aos demais que o jornalismo e a publicidade me trouxeram, agradeço por terem feito parte destes quatro anos.

Agradececimentos

Apresentação

O processo de vivência em um lugar origina inúmeras memórias coletivas, múltiplas e heterogêneas que se intersectam. Recordá-las é compreender que as vidas são especiais, que cada momento vivido tem um valor peculiar. Toda memória de lugar é também coletiva, o que a torna valiosa e sempre digna de registros que a mantenham viva. Valorizar essa memória é integrar diferentes gerações e eternizar as lembranças dos seres que compartilham suas vidas num mesmo lugar.

Este primeiro volume do livro *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória* representa uma conquista importante no sentido de alavancar uma ampla plataforma multimidiática voltada à valorização e à reconstituição de histórias para o município de Ouro. A partir de narrativas de vida obtidas por depoimentos, relatos e entrevistas de moradores e famílias, começamos a mostrar a saga dos que viveram o processo de formação e desenvolvimento desse jovem município de 56 anos.

O livro se desdobra em três capítulos com histórias amparadas em eixos temáticos que dialogam entre si. As histórias aqui reunidas compõem um álbum de narradores-protagonistas de uma história maior, alguns muito conhecidos pela comunidade, outros nem tanto. Todos anônimos para um público maior. Meu interesse de repórter, o afeto como filho dessa terra, o sentimento de pertença à gente que nela vive fizeram de mim também um narrador de Ouro.

Ocorridos durante o mês de julho de 2019, os encontros com os entrevistados superaram as expectativas. Visitei bairros, escolas, capelas, comunidades do interior - batizadas como "linhas". Também fui afetosamente recebido nas residências dos entrevistados. Em cada porta que se abriu, além de "comes e bebes", fui servido de histórias extraordinárias que ajudam a tecer, com filigranas de ouro, as narrativas desse lugar, salvando-as do esquecimento ou desaparecimento.

No momento em que este volume estava em produção, passei por acontecimentos imprevisíveis que foram além do trabalho de reportagem. Sabia que estava em busca de vidas valiosas e de memórias sobreviventes, narradores com as luzes delicadas e passageiras dos vaga-lumes.

Um deles se apagou antes da publicação deste livro, mas a responsabilidade de compartilhar a sua história aumentou e me animou a prosseguir. A profissão de jornalista me agraciou com a possibilidade de eternizar lembranças comoventes de um lugar que também é meu, povoado de histórias de ilustres anônimos, pessoas que deram de si muito mais do que um repórter poderia sonhar ou desejar.

Sumário

A CIDADE QUE CRESCEU COM OS TRIGAIS DOURADOS	06
CAPÍTULO 1 - NO PRINCÍPIO ERA A FÉ	09
Entre a terra e as máquinas, o velho Dorvalino virou semente de sonhos <i>Dorvalino Biarzi (In memorian) e Ires Maria Spironello</i>	10
Amarra teu arado a uma estrela: as bênçãos para David <i>David Bernart, Sebila Marqueti e Lorena Bernart</i>	14
Entre novenas e romarias, Idemar paga a graça pela vida do filho <i>Idemar Debarba</i>	18
Os mistérios de Frei Crispim pelos olhos de sua beata <i>Vitorina Rosaneli Bassoto</i>	21
CAPÍTULO 2 - A CIDADE ADULTA E EMANCIPADA	26
Armazém de Secos & Molhados revoluciona a vida da cidade <i>Oziris D'Agostini, Nilton D'Agostini e Lourdes Maria Caresia</i>	27
O patroleiro do progresso <i>Domingos Antônio Boff (Mingo)</i>	32
Um amor cravado na madeira do pé de cereja <i>João Tessaro e Jaci Zaleski Tessaro</i>	36

Sumário

CAPÍTULO 3 - CULTIVAR A TERRA PARA GERMINAR O SONHO	41
Na “casa azul”, os Simioni perpetuam o sonho de vida na lavoura <i>Augusto e Zulema Simioni</i>	42
Quatro gerações vivendo em torno da mesma mesa <i>Nézio Viganó e Marlene Baretta Viganó</i>	45
POSFÁCIO: A REDESCOBERTA DE OURO PELA MEMÓRIA	49
CITAÇÕES	51

A cidade que cresceu com os trigais dourados

Desde o início da colonização, os imigrantes foram atraídos pela possibilidade de cultivar o trigo, tido como um importante cereal na época. O efeito amarelado dos trigais deu origem ao nome do município, Ouro.

O Brasil é um país de cidades novas. Em sua maioria, seus núcleos surgiram no século passado. De acordo com o Atlas Nacional do Brasil¹ durante as décadas de 1950, 1960 e 1990, houve um expressivo aumento na criação de municípios. Em termos percentuais apontam as maiores elevações entre 1950 e 1960 (32%), e entre 1960 e 1970 (30%). Já no período de 1991 a 2000, foram emancipados 1.016, representando um acréscimo de 18% no balanço nacional. Em comparação ao século XXI, a emancipação de novos municípios corresponde a um total de 1%.

Ouro é um desses “novos” brasileiros. A vila que deu origem à cidade ergueu-se no início do século XX no meio oeste catarinense, a mais de 400 km da capital, Florianópolis. Sua história e desenvolvimento são marcados pela chegada dos imigrantes italianos e descendentes vindos da Serra Gaúcha, impulsionados pela construção da Estrada de Ferro que liga os estados de Rio Grande do Sul a São Paulo. Instalaram-se no Baixo Vale do Rio do Peixe e formaram pequenas vilas, uma delas, Ouro. Fundada em 20 de outubro de 1906, ficou vinculada administrativa e politicamente ao município de Campos Novos.

O pequeno município às margens do Rio do Peixe passou por vários estágios na sua formação administrativa. Esteve subordinado a três municípios: inicialmente, a Campos Novos, depois Cruzeiro (hoje Joaçaba) e por último a Capinzal, considerada cidade coirmã no início dos anos 60. Enquanto pertencente a Capinzal, foi beneficiado por grandes obras, visadas como importantes para o crescimento e fortalecimento dessa dupla cidade-distrito. Ambas eram ao mesmo tempo unidas e separadas por uma ponte pênsil, a Padre Mathias Michelizza. Somente anos mais tarde, passaram a compartilhar também a Ponte Irineu Bornhausen, inaugurada em 1952. Compartilhavam ainda a Igreja Matriz São Paulo Apóstolo em Capinzal e o Frigorífico Ouro.

Pela Lei Estadual n.º 870, Ouro é elevado à categoria de município, desmembrando-se de Capinzal em 23 de janeiro de 1963. Instalado como município em 7 de abril do mesmo ano, hoje reúne 7.372 habitantes, 2.528 deles residentes no meio rural e 4.844 na zona urbana, de acordo com o censo de 2010.

¹ G1. Em 67 anos, Brasil criou 3.990 municípios, aponta Atlas do IBGE. (2010).

Sua economia está assentada na produção de frangos, suínos, bovinos, milho, leite e erva-mate, além de pequenas manufaturas e agroindústrias, com destaque para os sistemas associativos.

Ao buscar informações sobre a formação de Ouro em arquivos do acervo municipal e de obras históricas dos municípios aos quais foi subordinado, encontrei apenas esses dados frios, esvaziados de vida e de histórias, carentes de investigação e de subjetividade. Percebi a escassez de fatos, detalhes, narrativas que marcam a história e a identidade de Ouro e que compõem o tecido fino da memória. A partir dessa constatação, arregacei as mangas e me pus na estrada de volta para casa em busca dos narradores-protagonistas de Ouro.

Capítulo 1

No princípio era a Fé

No princípio era a Fé

Desde a colonização de Ouro, seus habitantes foram, em sua maioria, filhos de imigrantes italianos, oriundos da Serra Gaúcha. Honrando suas origens, cultivavam profunda fé cristã, o que conseqüentemente serviu como elo de sustentação e desenvolvimento da nova vida que defrontavam.

Logo na chegada, os novos moradores se associaram para originar núcleos sociais, um deles conhecido por Ouro. Do interior, também emergiam capelas, capitéis, cemitérios e salões paroquiais. Mesmo na ausência de freis, era costumeiro as famílias se reunirem nas casas umas das outras, para fazer o conhecido serão. Nessa prática, as comunidades cristãs realizaram a reza do terço, os cantos de ladainha, as bênçãos aos doentes, às plantações e às crianças.

Com a presença de um frei, o compromisso sagrado da população era de frequentar as celebrações, em especial as missas dominicais. Foi efetivamente por meio da fé católica que se alavancou com sucesso a formação social e religiosa das comunidades.

As capelas sempre tiveram uma importância relevante no valor social e religioso do processo de prosperidade das comunidades. Modéstia à parte, a singeleza e austeridade em sua estrutura, despida de qualquer luxo que lhe possa dar o esforço braçal da população, esses pequenos templos transformaram-se nas sedes de reuniões das diretorias comunitárias.

Em seguida, surgiram os salões paroquiais que assumiram a sede dos lazeres dos residentes. Sede, a partir de então, das reuniões de diretoria, comemorações de nascimento, eucaristia, casamentos, aniversários, velórios e das festividades em honra ao padroeiro da comunidade, que eram instituídos e abençoados pelo bispo da Diocese.

Este capítulo é atravessado pelas histórias de fé e de mistério vividas ao lado de Frei Crispim, um frade capuchinho que teve passagem marcante pelo município. Com singela retidão e simplicidade, não media esforços pelo zelo da vida ecumênica do município e dedicava-se com afinco a peregrinar em busca dos fiéis.

*Entre a terra e as
máquinas, o velho
Dorvalino virou
semente de sonhos*

AOS 84 ANOS, TODOS
VIVIDOS NA
COMUNIDADE,
DORVALINO BIARZI
VIVEU COMO UM
AGRICULTOR À MODA
ANTIGA

09/07/19,
Linha Leãozinho

Era uma manhã fria de terça-feira. A geada ao amanhecer mudou a cor do terreno acidentado do município e castigou a vegetação. Ao se encontrar no comércio, pelas ruas do centro ou nas zonas rurais do município, os moradores comentavam que há muito tempo não viam uma geada tão rigorosa e densa. Foi nesse dia, um dos mais frios do ano, que iniciei minha jornada atrás dos narradores de Ouro. Parti imediatamente em busca da história do velho homem, o obstinado agricultor e empreendedor, que vivia ao lado da companheira em sua propriedade rural, a treze quilômetros da cidade, na Linha Leãozinho, localidade quase centenária do município. Em quinze minutos de carro, eu estava pegando o caminho de árvores que conduz à casa dos Biarzi e logo avistava o paiol de máquinas no silêncio do pasto.

A entrada da comunidade, uma das mais antigas do município, evoca o espírito “da colônia”, ilustrado por poteiros, plantações, pastagens, pequenas e grandes propriedades. E foi em uma dessas terras, já sem o burburinho alegre dos filhos e netos correndo pela grama, como na imagem que eu trazia de infância, que encontrei o primeiro narrador de Ouro.

Por esses acontecimentos imprevisíveis do jornalismo, o início desta aventura marcou também o triste final de uma trajetória de vida. Mas como numa história que ainda é uma promessa de felicidade, prefiro começar pelo alegre início, com a calorosa recepção na morada do casal. Era perto do meio-dia. Nos aconchegamos na sala, mas o cheiro da comida sobre o fogão a lenha vinha da cozinha, acordando as minhas lembranças dos finais de semana na casa dos meus avós.

Aos 84 anos, todos eles vividos na comunidade, **Dorvalino Biarzi** incorpora a figura de um agricultor à moda antiga. Desde jovem, ajudava na propriedade seguindo os ensinamentos do pai, com quem aprendeu técnicas de cultivo e lidas de manejo. Experien-

te e já contando com a ajuda da esposa, **Ires Maria Spironello**, produzia de tudo e, às vezes, muito de alguma cultura específica, conforme a demanda dos produtos no centro da cidade. Cebola, batata e porcos saíam da sua propriedade antes do amanhecer, em carroças e mulas. E partiam pelas estreitas estradas de chão batido para abastecer os armazéns da cidade.

Na cidade, havia o conhecido “secos e molhados”, chamado Comercial D’Agostini, que comprava a mercadoria em troca de outros produtos que não eram fabricados no interior, como tecidos em metro, ferramentas agrícolas e produtos de higiene pessoal. Já os porcos eram vendidos ao Frigorífico Ouro, que arrematava a maioria dos animais da região.

Falando pausadamente, Dorvalino lembra quando comprou oito terrenos na parte urbana.

- Queria colocar uma mecânica [de veículos] e pedi ao prefeito da época, Ivo Bazzo, para fazer a escavação.

Como todo homem do campo que costuma reconhecer o que recebe, muitas vezes dando-lhe até mais peso do que seria de mérito, faz questão de detalhar como foi essa ajuda oficial.

- Vieram com trator de esteira, quatro caçambas e carregadeira. Começaram na segunda e no sábado ao meio-dia já haviam terminado.

Hoje, quem passa pelo bairro Parque Jardim Ouro sabe muito bem onde se encontra a mecânica que leva o sobrenome deste velho pioneiro e sonhador. O sonho de Dorvalino sustentou sua família durante quatro décadas, envelheceu com ele e por fim se tornou uma herança de dois de seus quatro filhos. Para Leucir e Alcir, deixou uma possibilidade pré-construída de futuro em forma de empresa, fruto de uma longa vida de trabalho duro, de sol, de doenças, de luta, enfim, de marcas nas mãos calejadas pelo trabalho na roça.

Assim como formar uma família requer maturidade e responsabilidade, a vida adulta e o casamento trazem para o homem do campo um compromisso maior com a vida religiosa e comunitária. Ao unir-se em matrimônio com Ires, Dorvalino celebrou também seu casamento simbólico com a religião.

- Depois de casado, terço, via sacra, enterro, cantar ladainha era tudo eu quem fazia.

Essa relação é tão forte que as memórias do casal, em uma vida compartilhada há mais de 60 anos, são indissociáveis da sua atuação na Igreja. Nelas, o padre Demétrio Beldi, que celebrou a união do casal, tem um lugar especial. Reconhecido pelo seu habitual lenço no pescoço, primeira imagem que Ires evoca quando pergunto de quem se trata, Demétrio é protagonista de histórias curiosas. No período em que o distrito de Santa Lúcia sediou a paróquia do muni-

cípio de Ouro (1951 - 1974), muitos padres passaram pelo posto e sofreram com a forte resistência das comunidades.

Muito se ouve dos velhos ourenses sobre as saídas tumultuadas dos padres em Ouro. Um pouco talvez por questão de rusgas políticas, um pouco por característica cultural do município, outro tanto por mistérios que não se deixam decifrar. Demétrio foi um desses religiosos proscritos. Dorvalino conta como tudo aconteceu em uma reunião em Santa Lúcia, quando membros das diretorias comunitárias decidiram o futuro do religioso.

Na assembleia religiosa insurgente, Dorvalino, Vitório Gusso, João Andreoni e Francisco Bazzo representaram a Linha Leãozinho (que vai completar cem anos em 2023). Ficou decidido que cada comunidade votaria pelo destino do padre na paróquia. Leãozinho foi a única que votou pela permanência. Três décadas depois, Dorvalino recorda com plena lucidez de memória o seu pronunciamento destoante e firme nessa reunião.

- O padre é bom, pode ficar o resto da vida na paróquia porque não temos nenhuma queixa dele.

No entanto, o padre não ficou. E decidiu fazer a sua despedida na comunidade que o acolheu. Celebrou a missa e, ao término, deu uma bênção profética contra tempestades na comunidade. Aproximadamente oito dias após a despedida, uma vigorosa tormenta assombrou Ouro. Eram nuvens escuras, ventania, chuva torrencial e fortes trovoadas. Por incrível que pareça, com fé e devoção, Linha Leãozinho não foi atingida, garante Ires.

A conversa é intensa, mas econômica, Dorvalino conta sobre o pedido que fez a Frei Crispim. Preciso conter minha curiosidade de saber mais sobre esses eventos pitorescos que ele narra para poupá-lo do desgaste causado pelo tratamento contra o câncer. Mesmo com dificuldade, ele levanta a calça da perna esquerda, até a altura do joelho:

- Agora não tem mais nada.

Em uma ida ao distrito de Santa Lúcia, visitou o cemitério em que o frei está enterrado. Em frente ao jazigo, pediu pela melhora de suas varizes que o incomodavam há décadas. Os dias se passaram, as dores foram cessando e a gravidade, paulatinamente, diminuindo até o ponto da doença desaparecer.

- Um milagre, Frei Crispim faz milagres!

EPITÁFIO

Em sua sabedoria sagrada ou mágica, Frei Crispim deu qualidade à vida de Dorvalino por muitos anos ainda, mas nem mesmo os milagres são eternos... Muitos lapsos ficaram, muitos nexos não resolvidos, muitos episódios carentes de detalhes aguardaram um segundo encontro. Nossa fala cortada pelos acessos de tosse, enjoos causados pelos medicamentos quimioterápicos, não me permitiu ir tão longe quanto desejava meu interesse de repórter e profunda curiosidade pela vida desse senhor de 84 anos. Gostaria de ter desenvolvido mais nosso diálogo memorioso, de ter me adentrado mais nos fragmentos preciosos de suas lembranças. Cheguei a programar meu retorno à propriedade dos Biarzi para saber mais de sua história e de sua família. Mas, quinze dias após nosso encontro, seu Dorvalino, que sobrevivia ao câncer há sete anos, faleceu.

No velório, eu e a própria comunidade percebemos de fato o quanto ele era admirado e importante para o lugar. Durante a cerimônia, muitos amigos, parentes e vizinhos se despediram deste homem feito de madeira de lei, que gozou a velhice colhendo o que plantou com dedicação e naturalidade ao longo da vida.

Compreendi que naquelas quatro horas passadas com ele e sua esposa, Dorvalino ofereceu o máximo que pode de suas memórias, como quando criou uma família cultivando o solo inóspito ou erguendo um empreendimento inovador em tempos pouco pródigos. Ele deu de si e de sua história muito mais do que um repórter possa desejar ou vislumbrar. Dentro de sua debilidade física, se esforçou o possível para povoar e eternizar essas memórias coletivas com os aspectos épicos e pitorescos de sua própria vida.

Se por um lado esse fato me comoveu bastante, por outro me fez querer andar mais rápido na conclusão do primeiro volume deste livro de memórias. Sabia que estava em busca de sobrevivências preciosas, de chamadas de vida que precisavam ser narradas para não se apagar.



Ires e Dorvalino

Por curiosidade, não sugeri uma posição para a foto. A sintonia para o casal, como visto, é algo natural. Não apenas nos gestos, mas em uma união construída por mais de 60 anos, de amor, de fé e acima de tudo, de respeito

*Amarra o teu
arado a uma
estrela: as
bênçãos para
David*

UM FRADE
ETERNAMENTE
REENCARNADO E
REVIVIDO NA MEMÓRIA
DA COMUNIDADE
ACENA ENTRE OS
TRIGAIIS DE OURO

26/07/19,
Distrito de Santa Lúcia

Morador do caminho que dá entrada ao distrito de Santa Lúcia, às margens da SC-467, **David Bernart** é um dos tantos frutos maduros dessa terra de campos dourados. Muito cedo começou a trabalhar para ajudar a família, “a fazer a vida”, como ele diz. Desde jovem, sabia o quão necessário era encontrar uma “terra gorda” para os trigais crescerem vistosos e abundantes. O corte do cereal que deu nome ao município não apenas feriu as mãos já calejadas pelo trabalho na roça, como foi a semente germinada que este velho agricultor de 82 anos plantou e colheu sem nunca deixar de agradecer aos céus pela vida que construiu.

- Dizem que trabalhar na roça é algo sofrido. Mas eu gostava. Vivia bem naquele tempo.

David nunca abriu mão de sua condição de homem do interior. Em suas lides, perdeu a conta dos *fechos* (maços) de trigo que enrolava e transportava até o paiol na propriedade da família. Local onde permanecia por três meses, à espera da trilhadeira de seu Pedro Táparo, que fazia um longo caminho entre as comunidades para debulhar os grãos dos trigais cor de ouro. Ao lembrar desses tempos queridos, David faz questão de ficar em pé para encenar a colheita.

Gesticulando muito, mostra como colhia o trigo: com uma mão segura os ramos e, com a outra, bem firme, golpeia o ar seguidas vezes, mostrando o movimento que fazia com a antiga foicinha para cortar o trigo. A foicinha era um instrumento tradicional em qualquer propriedade rural. Com sua curvatura e bom fio, servia muito bem para a colheita manual de cereais ou para cortar o pasto usado no trato do gado. De lá pra cá, as tecnologias ganharam o campo. E a velha companheira de roça foi ficando de lado.

Nascido e criado na comunidade, o agricultor se lembra da forte solidariedade e bondade dos vizinhos. Aquele era o tempo quando, faça chuva ou faça sol, as famílias se reuniam e ajudavam uns aos outros, principalmente se algum membro se adoentava.

- Ajudavam a roçar o mato, faziam roça e colhiam o trigo. Graças a Deus, sempre tivemos pessoas boas na comunidade.

Comprovando a generosidade peculiar da gente do distrito de Santa Lúcia, David, a esposa **Sebila Marqueti** e a filha **Lorena** me receberam afetuosamente logo na chegada à sua morada na comunidade. Nos sentamos na cozinha, defronte ao fogão a lenha que aquecia o ambiente, numa manhã fria de sexta-feira. Nesse cenário da minha infância, me ofereceram pinhões cozidos e chimarrão que ajudavam a espantar o frio, mas também alimentavam uma conversa bem familiar.

Sentado ao lado da porta que leva aos demais cômodos da casa, David lembra que seu pai reunia a família na cozinha, da mesma forma como estávamos sentados naquele momento, para juntos escreverem cartas à irmã Anélia. A freira partiu aos 12 anos de idade para se dedicar à vida religiosa. Atuou por diversas cidades e hoje realiza ações com crianças em Curitiba.

- Estudei apenas um ano na escola. Mas o pai me fazia escrever cartas para ela, mesmo que algumas linhas. O importante era saber como estava.

Esse episódio se repetiu anos mais tarde quando a filha, Lorena, também foi para um convento na capital paranaense. Durante um ano de sua permanência fora, mantinham a troca de cartas. As dificuldades eram muitas e aumentavam com a longa distância e a saudade da filha, que saiu de casa tão jovem quanto a irmã de David. Mas o casal jamais deixou de encontrar formas de manter a força do laço familiar. "Eu chorava com a carta deles. Mesmo estando escrito que a galinha tinha criado, que gata tinha ganhado os gatinhos. Ao ler isso eu chorava bastante", relembra Lorena.

A religião sempre fez parte da vida da família Bernart, seja através dos membros que se doaram à vida religiosa, ou pelo engajamento na comunidade, especialmente pela proximidade com o frei Crispim. O casal repete com orgulho que deu depoimento ao livro *Frei Crispim: um grande anunciador da palavra de Deus e dono de um coração bondoso e cheio de fé*, em honra ao frade capuchinho. Fazem questão de contar para todo mundo que integram esta obra.

- Eu disse em meu depoimento que frei Crispim celebrou e abençoou nosso casamento. Ele era uma pessoa simples, humilde e nosso amigo de família, - conta David.

Abençoados pelo frade há mais de 60 anos, o velho casal conhece muito bem um ao outro, o que se torna perceptível pela troca de olhares quando algum momento ou data foge à memória de um dos dois. Escutam-se atentamente, sem intervir, como acontece com grande parte dos casais que disputam um ponto de vista.

Dona Sebila é uma pessoa de poucas palavras, porém, de uma alegria contagiante. Gargalhadas espontâneas animam a oportunidade de ouro de reviver essas afáveis lembranças. Sentada próxima à janela, olha atenciosamente para seu marido, como se juntos relembrassem todos os momentos compartilhados. Um em especial, definido por David como um momento de simplicidade e alegria, foi a comemoração de seu casamento.

- Uma cerimônia pequena, mas posso dizer que muito bonita, apenas para alguns familiares. Após a celebração, servimos almoço aos convidados no porão da casa de meu falecido pai.

Assim como a vida familiar merece um lugar especial na lembrança de ambos, a figura de frei Crispim tem igualmente uma posição de destaque. Reconhecido por seu coração bondoso, o sacerdote construiu um laço amigável e fervoroso com a família Bernart.

- Ele sempre ia à festa na comunidade do Pinhal (terra natal de Sebila) e depois da missa, celebrada por ele, almoçava conosco.

Frei Crispim não se dedicava apenas às tradicionais missas. Ao trote do cavalo, realizava as rotineiras visitas às comunidades que formavam a paróquia. Benzia os doentes, arrecadava doações e abençoava as crianças recém-nascidas. David lembra-se de uma visita amorável do frei, em sua casa, ao saber do nascimento de uma das filhas.

- Ele era nosso amigo e ficou sabendo do nascimento de minha filha Carmem. No mesmo dia veio para vê-la e também a abençoou.

A amizade nutrida com esse célebre religioso não se rompeu com seu falecimento, vítima de um acidente automobilístico, em 1963. As risadas, os almoços em sua companhia, as missas em italiano, as ladainhas durante as celebrações e seu jeito simples e humilde não desaparecem da memória dessa família. Porém, a vida não é feita apenas de bons momentos. Viver é lidar com perdas duras e trágicas, perdas que fazem repensar a postura diante das coisas que merecem receber valor e compreender qual o verdadeiro sentido da vida.

- O dia em que ele faleceu foi muito triste. A comunidade toda ficou abalada. Lembro que ouvíamos os sinos das capelas de Linha Leãozinho, Rancho Grande e Pinhal por quase duas horas, sem parar. Infelizmente, anunciavam a morte do frei.

A comunidade soube lidar com essa perda, glorificando as atitudes e bênçãos deixadas por frei Crispim. Novenas, missas, festas, grupos de liturgia, museu, registros, são apenas algumas das ações realizadas em honra ao religioso. Desde então, a família Bernart é guardiã de boas lembranças da ternura e bondade do sacerdote. Eles sentem e revivem com saudades as recordações de sua trajetória pelo distrito de Santa Lúcia. Um santo eternamente reencarnado na memória da comunidade. David confia:

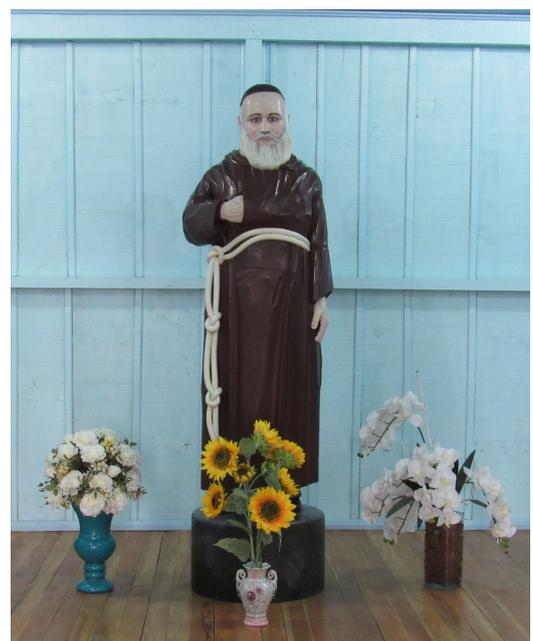
- Eu tenho fé que sim. Que Frei Crispim será declarado santo.



David e Sebila

"Eu disse em meu depoimento que frei Crispim celebrou e abençoou nosso casamento. Ele era uma pessoa simples, humilde e nosso amigo de família", diz ele.

Os moradores do distrito de Santa Lúcia creem que **Frei Crispim** é uma "santidade viva" e seu espírito é eterno e vigora em apoteose



*Entre novenas e
romarias, Idemar
paga a graça pela
vida do filho*

“O TRABALHO DA
COMUNIDADE É
DIVULGAR A FÉ E PODER
AJUDAR OUTRAS
PESSOAS”

IDEMAR DEBARBA

22/07/19,
Distrito de Santa Lúcia

Vinte e dois de julho de 2019. Essa data marcou a primeira das nove noites de novena em adoração a frei Crispim. Era por volta das duas horas da tarde quando me deparo com a movimentação dos moradores no centro comunitário e nas mediações da igreja do distrito de Santa Lúcia. Logo percebi o empenho nervoso das pessoas, dispostas a deixar seus afazeres diários para organizar o local, tornando-o ainda mais hospitaleiro e acolhedor para receber os devotos de frei Crispim.

Além de movimentar a comunidade há cinco anos, a novena funciona como estágio de preparação da grande Romaria de Frei Crispim. O evento acontece anualmente no final do mês de agosto, sempre no final de semana, próximo ao dia 22 do mês, data de falecimento do emblema religioso maior da comunidade. Em decorrência do evento, agendei algumas entrevistas com os moradores de Santa Lúcia durante o dia para que no início da noite pudesse participar da celebração.

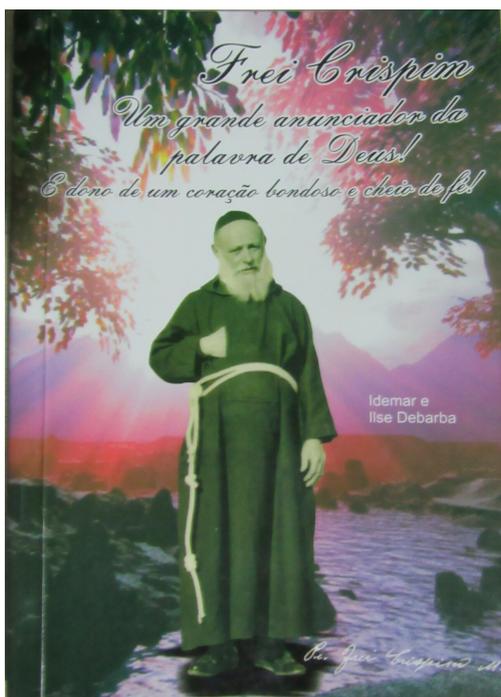
Muitas famílias que se formaram na localidade conviveram de perto com o frei e se tornaram suas devotas. Uma trajetória que protagonizou essa vida de fé e devoção é a de **Idemar Debarba**, de 45 anos. Empreendedor no ramo de móveis, Idemar é exemplo de filho desta terra que se dedica com apreço à vida comunitária e religiosa, em especial, a frei Crispim. “Ele foi um pai para a comunidade”, afirma logo no início da conversa.

Em sua casa, poucas horas antes da celebração da novena, Idemar fala sobre o desespero da família ao saber da dificuldade de sua esposa, **Ilse Debarba**, para engravidar. “Por duas vezes, perdemos o bebê. Na terceira, em uma ida ao médico, soubemos que havia ocorrido o descolamento da placenta, o que poderia dificultar a gravidez”.

O compromisso e a vontade de construir uma família, contudo, levou o devoto e futuro pai a realizar um pedido a frei Crispim. “Coloquei a mão no túmulo em que está enterrado e fiz um pedido. Disse que com sua intercessão faria alguma coisa para disseminar ainda mais a sua fé religiosa”. Após orações e súplicas, em 20 de fevereiro de 2005, nasceu Dyovani, o primeiro filho do casal. Nada mais especial que o nascimento de uma criança para consagrar a santidade de um padre.

Foi por meio dessas lembranças que o casal encontrou a maneira de registrar as histórias de fé e de convivência vividas pelos moradores do município ao lado do religioso. Em uma novena, o casal testemunhou o falecido Mário Cesca contar que estava registrando todas as histórias vividas ao lado do frei. Ao discutirem a ideia, logo compreenderam que existiam outras famílias, não apenas no distrito Santa Lúcia, mas em outras comunidades, que também poderiam ser ouvidas e ter suas memórias religiosas de alguma maneira compiladas.

Idemar e Ilse resolveram escrever um livro, mesmo sabendo das dificuldades que encontrariam no decorrer do processo. Eram muitos os obstáculos: tendo apenas um antigo gravador de fita, inusual e indiscreto, temiam que, sem um aparato apropriado de gravação, poderiam constranger os entrevistados. A inexperiência de técnicas de entrevista e de escrita também poderia atrapalhar o trabalho. Porém, essas dúvidas de nenhuma maneira os paralisaram ou tiraram-lhes o anseio de registrar os depoimentos e fatos que marcaram a trajetória de frei Crispim em Ouro, e, especialmente no distrito de Santa Lúcia, onde o casal vive com apego singular pela comunidade. “Saíamos para fazer as entrevistas com um gravador, depois ouvíamos e anotávamos os depoimentos. Aí as histórias iam se formando. Também tivemos ajuda do Laudemir Bonamigo, que fez a pesquisa dos documentos da paróquia”, conta Idemar.



Com o apoio da comunidade e da prefeitura municipal, o livro *Frei Crispim: um grande anunciador da palavra de Deus e dono de um coração bondoso e cheio de fé* foi publicado em 2013. Como forma de homenagem e divulgação da figura religiosa, a obra foi apresentada em sessão plenária na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc). E também serviu de convite à romaria que marcou os 50 anos de falecimento do frei naquele ano.

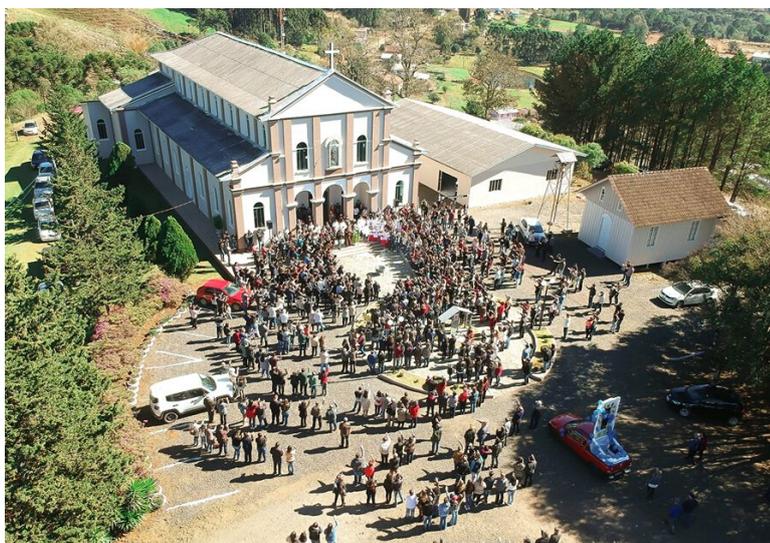
Conhecedor profundo do passado do homenageado, Idemar destaca a importância dos freis da paróquia São Paulo Apóstolo e da figura do Bispo da Diocese de Joaçaba, Dom Frei Mário Márquez, para a consolidação e ex-

pansão da festividade religiosa. Todos os anos, a romaria reúne não apenas devotos do município, como também de diferentes partes de Santa Catarina e de estados vizinhos. “Dom Mário nos aconselhou a fazer mais celebrações durante o ano em honra a frei Crispim. Decidimos começar a novena um mês antes da festa e dia 22 de cada mês promover uma celebração especial.”

A primeira noite da novena é um retrato do prestígio e devoção dos fiéis. Muitas são as formas de reverenciar essa figura religiosa, homenageada também pelo nome de empresas da região, de produtora de grãos à oficina de mecânica. Uma das mais importantes reverências é o nome da Escola de Educação Básica Frei Crispim, cuja história foi construída com a dedicação e o trabalho árduo do frei, atuante junto às freiras para educar as crianças da comunidade.

Pergunto sobre o futuro de Santa Lúcia e de como a religião pode levá-la a um desenvolvimento pleno. Idemar me responde com firmeza: “O trabalho da comunidade é divulgar a fé e poder ajudar outras pessoas. Essa expectativa passa por manter os fiéis frequentando a igreja e conhecendo ainda mais o religioso”. Um pequeno e simples museu, construído próximo à capela, expõe utensílios utilizados por ele, além de documentos de pessoas da comunidade, como certidões de casamento, batismo, fotografias e papéis oficiais da paróquia que registram as lembranças vivas do distrito e da atuação do frade capuchinho no município.

Assim como manter viva a história de fé e dedicação à comunidade de frei Crispim requer dedicação e adoração, canonizar um sacerdote implica trabalho árduo. A comunidade tem o compromisso de arquivar todos os depoimentos, pedidos e graças alcançadas, conforme as diretrizes informadas pela Diocese, primeiramente para o processo de beatificação. Empenhado com a comunidade em não deixar essa memória de culto cristão se perder, Idemar afirma: “Nossa vontade é vê-lo ser canonizado santo”.



XX Romaria Frei Crispim, em 2019, ocorreu no final de semana próximo a data de falecimento do frei (22 de agosto)

Foto: Alternativa Fotografias

Os mistérios de Frei Crispim pelos olhos de sua beata

"[...] FREI CRISPIM EM TI
CONFIO, POIS FIZESTES
DAS DIFICULDADES A
GLÓRIA, DAS TRISTEZAS
A ALEGRIA, DA PRISÃO A
LIBERDADE, DO TEU
POVO TEU SEGUIDOR [...]"

22/07/19,
Distrito de Santa Lúcia

Essas palavras, da "Oração a Frei Crispim", engrandecem a vida e a simplicidade do religioso na convivência em comunidade, mas também iluminam a oportunidade de compreendê-las ao olhar fiel de uma devota. **Vitorina Rosaneli Bassoto**, 82 anos, se dedicou voluntariamente à profissão de professora na antiga escola comunitária cujo nome homenageia o frei. Em junho de 2019, ela retornou à Escola de Educação Básica Frei Crispim, na comunidade onde sempre viveu, não mais como professora, mas como uma testemunha privilegiada das transformações pelas quais o distrito de Santa Lúcia passou. Em especial, tem a tarefa de compartilhar com os alunos as histórias do período em que a instituição foi sede da paróquia (1951-1974), quando em torno de frei Crispim o município inteiro experimentou uma intensa vida religiosa e comunitária.

Dias antes da entrevista, vou até o distrito de Santa Lúcia a fim de agendar nossa conversa. Carinhosamente ela me recebe em sua casa, próxima ao centro comunitário. Acomodados na varanda, fala sobre a visita com entusiasmo. "Há alguns meses, fui convidada pela escola para falar com os alunos. Eles estavam bem curiosos sobre como era a comunidade e a escola antigamente. Também não esqueci de falar sobre o Frei Crispim".

Nascida num lugar marcado pela vida religiosa, Vitorina é uma das remanescentes de um grupo de moradores que deixou o município ou já faleceu. "Naquela época, a comunidade era grande; as famílias lotavam a igreja". Ela recorda que ali, pelas redondezas onde hoje se encontra a capela e o salão comunitário, os filhos da terra cresceram e deram um passo importante para o progresso da região. Mesmo temendo esquecer alguém, fez questão de enumerar algumas famílias pioneiras da comu-

nidade, como os Bernart, Facin, Fachin, Bassoto, Bazzo, Cesca, Forquezato, Pecher, Franch.

Com a tranquilidade e sabedoria dos seus cabelos brancos, a professora rememora a passagem do Frei Barnabé Tenani, o primeiro pároco de Santa Lúcia (ano 1951), que teve grande importância para a formação espiritual e estrutural da paróquia. Barnabé deu os primeiros passos para a construção da nova igreja matriz. "Naquela época, atuavam juntos o Barnabé e o frei Luizinho, um padre que o ajudava, mas normalmente estava adoentado". Foi o frei Barnabé que comprou as primeiras pedras, alguns motores e areia para a igreja, conta ela, mas ainda faltava adquirir o terreno.

Anos mais tarde, em 1957, um frade capuchinho, vindo da Itália, descrito por Vitorina como um homem simples e humilde, chegou a Santa Lúcia e não mediou esforços para comprar o terreno. Frei Crispim de Vigorová estava determinado a construir a nova igreja. Para isso, realizava visitas as treze comunidades que formavam a paróquia, além das habituais missas. Obstinado, buscava de casa em casa doações e incentivava a participação dos moradores a contribuir com a grande obra. Quem não tinha dinheiro podia doar material para a construção ou mesmo entrar com a força de trabalho. "Na época da construção, o frei saía a cavalo, cedo pela manhã, para fazer as visitas, mas não deixava de retornar para ajudar na obra", comenta a professora com os olhos brilhando de admiração.

Foi por apego à vida comunitária-religiosa que Vitorina ingressou em uma congregação conhecida como *Filhas de Maria*. Nela, conheceu outras moças que, unidas pelo catolicismo, estavam dispostas a prestar serviços à comunidade e à igreja. A proximidade com esse templo católico levou-a a conhecer e a conviver com o que os moradores consideram "santidade viva" do distrito de Santa Lúcia. "Para nós, Frei Crispim era um santo vivo", assegura Vitorina.

Se essa é uma lembrança contundente, o que confessa o vínculo da beata com o frei é o conhecimento sobre os gostos e os hábitos desse religioso de personalidade forte e generosa, mas que, por opção, vivia em austera pobreza. "Ele usava roupas que trouxe da Itália, mas não gostava que lavasse. Tinha receio que ao esfregar a roupa poderia 'gastar o tecido' e assim rasgá-la". Por alguns instantes, Vitorina permanece em silêncio, como que para evocar as imagens distantes. E então elas vêm. Relembra as várias vezes em que ia até a singela casinha onde o frei morava, próximo à igreja, para ajudá-lo nas tarefas domésticas.

Viver com o necessário e agir de forma simples. Esses eram os princípios de conduta do frade que, com modéstia, relevava as dificuldades e recebia com gratidão a colaboração das pessoas. As lembranças de Vitorina, ainda guardam o dia em que foi organizar e limpar o armário da cozinha da pequena casa paroquial: "Encontrei um pão bastante mofado dentro do armário; perguntei ao frei se poderia jogá-lo fora porque mais tarde traria um novo. Ele me respondeu: - Você quer ir para o inferno!?"

Com bom humor, ela explica o motivo da bronca. "Depois de ralhar comigo, ele me perguntou como eu guardava o pão, porque dizia que os pães dele faziam

'barba' de mofo maior que a sua". Ela descreve a grande e densa barba branca do religioso que atravessou a escassez de alimentos da primeira guerra mundial. Austero e rijo consigo mesmo, o capuchinho considerava jogar comida fora um pecado e preferia comer alimentos estragados a perpetrá-lo.

De alma transparente, irmão Crispim não media esforços pelo zelo da vida ecumênica do município. Diariamente saía de manhã cedo para dar a benção aos doentes nas residências, hospitais e casas de saúde. Também frequentava as escolas para aconselhar nas decisões ou levar sua palavra a professores, pais e alunos.

Por essa peregrinação em busca dos fiéis, ficou consagrado como uma espécie de santo que vai até aonde o povo está, como São Francisco de Assis, compara a beata. "Ele fazia três missas: a primeira, para as pessoas que gostariam de se confessar; a segunda, era a missa das crianças e, a última, para a comunidade no geral". Vitorina perde a conta de quantas celebrações eucarísticas participou presididas por esse homem de Deus, já em processo de beatificação e verificação de testemunho de santidade pela Diocese de Joaçaba. A análise se concentra nos registros de súplicas e preces atendidas por devotos, necessários para a comprovação de um milagre por sua intercessão.

Entre tantas passagens extraordinárias na vida de Crispim, receio um pouco quebrar o encanto do diálogo com Vitorina antes de perguntar sobre a reação da comunidade com o falecimento desse líder espiritual tão carismático. "Era de noite e tocaram o sino da igreja. Sabíamos que algo de ruim tinha acontecido. Ao descobrirmos o que era, todos ficamos em choque. Foi um momento muito triste". Ela curva os olhos e permanecemos em silêncio por uns instantes.

Frei Crispim desapareceu fisicamente da vida da comunidade em 22 de agosto de 1963 para reencarnar como um emblema. Sua história é contada num livro de longo título, escrito pelo casal Idemar e Ilse Debarba: *Frei Crispim: um grande anunciador das palavras de Deus e dono de um coração bondoso e cheio de fé*. Era por volta das 21 horas. Chovia. Ao lado de outros frades capuchinhos, Adelino Lovatel, Otávio de Araucária e Lourenço Kachuba, Crispim retornava de Curitiba onde festejaram os 25 anos de sacerdócio do frei Patrício Kódermaz (superior capuchinho dos estados de Santa Catarina e Paraná).

No meio do caminho escuro, se depararam com um trecho íngreme sem cascalho. A descida perigosa e as condições climáticas embaçavam a visão da estrada de chão, precária e tortuosa, o que fez com que perdessem a direção do jipe. O veículo deslizou, atravessou a estrada, bateu contra um barranco e capotou em seguida. Frei Crispim, que viajava ao lado do motorista, bateu a cabeça de encontro ao pára-brisa, foi arremessado no barranco e ficou preso sob o veículo. Em meio ao desespero, os demais padres conseguiram sair do carro, sem grandes escoriações. Já o religioso, marcado por uma vida de compadecimento, não sobreviveu aos ferimentos e acabou falecendo no local da tragédia para a tristeza de toda a população que o conheceu no Meio Oeste de Santa Catarina.

"Em vossas mãos, Senhor, entrego o meu espírito".¹

Quem lê pela primeira vez essa sentença, pode até ousar dizer que frei Crispim estava se despedindo. Outros podem garantir que essas palavras ditas por ele, minutos antes do acidente resumem fielmente a sua trajetória na comunidade. Assim como Vitorina, os moradores creem que o espírito do frade é eterno e vigora em apoteose.

O saudosismo, as memórias e as boas ações do sacerdote fazem Vitorina lembrar de um acontecimento que, para mim, soava como uma mistério de infância: o túmulo de frei Crispim tinha sido mesmo aberto? Quem cresce em uma cidade pequena sabe muito bem que as notícias correm muito mais rápido do que se possa imaginar. “Por que abriram o túmulo? O corpo do frei ainda está lá? Quem permitiu fazer isso?”. As opiniões e questionamentos corriam à solta, aguçando o imaginário popular e fazendo proliferar as lendas. E eu, com quase dez anos de idade, com toda a curiosidade de uma criança, também gostaria de desvendar esse mistério.

Mal saberia que, anos mais tarde, a senhora sentada ao meu lado, com quem conversava por mais de uma hora, era uma das pessoas que ajudaram a limpar os ossos do frei. “Alguns diziam que tinham medo de mexer no corpo. Achavam que o espírito do falecido ainda estava ali presente e poderia se comunicar. Mas não me importava, conhecia o frei e sabia que nada de ruim me aconteceria”.

Determinados a preservar o descanso do adorado sacerdote, os membros da comunidade se reuniram para abrir o jazigo. Vitorina fazia parte dessa missão de desvelar o mistério e também de salvar os restos mortais. Sabiam que era preciso retirar e limpar os ossos puídos pela água da chuva que, há algum tempo, se infiltrava no túmulo. Mas esse não era o único problema. Por entre as frestas, as formigas, capazes de devorar ossadas inteiras, também se alastraram por dentro do túmulo. Diante do corpo, Vitorina teve uma primeira revelação: “O crânio estava quase pela metade, mas a barba permanecia intacta”.

Desde a primeira vez que ouvi sobre a história do frei Crispim, ainda quando criança, fui fisgado pelos relatos enigmáticos dessa figura mística. Mais tarde, meu interesse de repórter levou-me a Vitorina, uma das mais importantes testemunhas de sua existência. Seus relatos me fazem compreender de forma mais aguda a importância desse homem de alma transparente e misericordiosa. Talvez o seu grande milagre seja o voto de singeleza e a intensidade de sua vida, que merece ter sua história eternizada pelas memórias preciosas de sua mais fiel devota.

*Fidelidade e devoção marcam a fé e a convivência de **Vitorina Bassoto** ao lado de Frei Crispim*



¹ DEBARBA, Ildemar; DEBARBA, Ilse. *Frei Crispim: um de grande anunciador das palavras de Deus e dono de um coração bondoso e cheio de fé* (p.17).

Capítulo 2

A cidade adulta e
emancipada

A cidade adulta e emancipada

Um dos principais fatores que contribuíram para o rápido desenvolvimento de Ouro, bem como de toda a região do Baixo Vale do Rio do Peixe, foi indiscutivelmente a implantação da Ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul, em 1910.

Toda a região passou a ser procurada por moradores dos estados do Sul, principalmente descendentes de italianos, oriundos da Serra Gaúcha. Vinham atraídos pelas oportunidades de trabalho com a ferrovia e com as terras férteis para o plantio de grãos.

A chegada em massa de novos moradores foi influente e decisiva para o desenvolvimento progressivo do município e a constituição dos núcleos sociais, com a formação de pequenas vilas, uma delas Ouro.

Desde esse marco migratório, começaram a surgir pequenos comércios, empresas e indústrias. A agricultura e a pecuária também despontaram, motivando os colonos a buscar formas de venderem seus “excessos” na produção.

O cavalo, as mulas e as carroças foram predominantes e essenciais para o início do comércio e a abertura das primeiras estradas. Até então, veredas e picadas, em meio ao mato e em condições precárias formavam as vias de acesso e transporte de cargas.

Depois, vieram os primeiros caminhões, Ford e Chevrolet, mas os principais meios de transporte e de ligação para o município vizinho era a balsa, conduzida por Afonsinho da Silva e a Ponte Pênsil Padre Mathias Michelizza, pelas quais tudo trafegava e chegava aos consumidores: de grãos à madeira. O ciclo madeireiro também teve sua fase de ouro, em especial no período da Serraria São José, que movimentava o comércio de móveis e as vendas para fora do estado.

Um papel de destaque nessa história cabe à indústria Reunidas Ouro S/A na divulgação da marca “Ouro” para o Brasil. Mais tarde, a família D'Agostini ofereceu à cidade seu primeiro grande armazém de “secos e molhados”, criando a oportunidade de crescimento da produção e desenvolvimento das propriedades com sua forma de negócio.

Nada nesses princípios teria sentido se não fosse obra de algumas figuras humanas desbravadoras que ganharam mérito e reconhecimento por seu empenho na construção da história de Ouro, como líderes comunitários, empreendedores, religiosos ou ocupantes de cargos políticos.

*Armazém de Secos
& Molhados
revoluciona a vida
da cidade*

VELHO EMPREENDEDOR
ACOMPANHA A VIDA
URBANA DA VARANDA,
COM O ETERNO OLHAR
DE QUEM CUIDA E
ADMINISTRA

17/07/19,
Centro

Foram três décadas dedicadas ao comércio, de labuta diária, mais os anos na política, como candidato a prefeito. Hoje, aos 89 anos, **Oziris Antônio D'Agostini** passa algumas horas do seu dia sentado na varanda da casa vendo desfilar a sua frente paisagens diferentes daquelas guardadas na memória. Com a paciência e a sabedoria concedidas pelo tempo, acompanha o vaivém das pessoas e dos carros no centro de Ouro.

Atencioso e sem-cerimônia, Oziris gosta de cumprimentar os que trafegam pela principal rua da cidade, a Felipe Schmidt. Alguns são amigos, outros conhecidos ainda de quando faziam parte de sua clientela. Ao chegar à sua morada, o contraste: me vejo diante da quietude do dono de comércio que toda a cidade conhece. Mais introspectivo com os ganhos da idade, de poucas palavras, oferece resistência para revelar detalhes preciosos dos acontecimentos antigos de Ouro que só ele parece saber.

Para quebrar o silêncio, logo pergunto sobre sua origem. De forma breve, o dono do antigo “secos & molhados” da esquina da Felipe Schmidt com a Presidente Kennedy se limita a responder: “Lacerdópolis”, um município pequeno, dezesseis quilômetros distante de Ouro. Mesmo tendo chegado às terras ourensenses aos 32 anos, viveu bastante para conhecer a cidade ao longo dos seus quase 90.

Com sua presença forte, o porte alto, falante com os olhos, Oziris permanece a maior parte do tempo em silêncio atencioso, cuja travessia é feita com a ajuda da esposa, **Lourdes Maria Caresia** e do filho **Nilton Francisco D'Agostini**. Quando lhe dirijo uma pergunta, opta quase sempre por acenar com a cabeça. Não deixa de intervir, contudo, quando um dos interlocutores esquecem de algum detalhe importante.

Membro de uma numerosa família de comerciantes, Oziris veio para a localidade em 1966, quando já havia o Frigorífico Ouro e as Indústrias Reunidas Ouro S/A. Essas empresas movimentavam a região com suas linhas de bebidas de todos os tipos, compra e venda cereais, casas comerciais, olarias, serrarias e produtos frigoríficos que levavam consigo a marca “Ouro”. Na época, produtos reconhecidos no mercado nacional, especialmente no estado de São Paulo. O então jovem empreendedor tem contato com saberes e acontecimentos do tempo em que Ouro ainda dava seus primeiros passos, após a instalação como município em 7 de abril de 1963. Ao deixar de ser um cidadão lacerdopolitano para se tornar um ourense, torna-se testemunha do desenvolvimento comercial e político da cidade que adotou.

A gênese da história desse homem quase nonagenário tem seu marco inicial com o aluguel da sede da Indústria Reunidas, no mesmo ano em que Oziris e sua família se transferiram para uma casa, logo na subida da Presidente Kennedy. Sabiam que não era uma tarefa fácil. De início, a opção pelo arrendamento, e não pela compra da sede do novo negócio, decorreu de uma certa insegurança com o investimento. Dar continuidade a um trabalho sincero e transparente que vinha sendo realizado por uma empresa de destaque nacional e construir a vida em um novo município: assim o filho e a esposa resumem o desafio do empresário. As dificuldades impunham uma responsabilidade maior. “Era preciso suar a camisa”, ressalta o filho com orgulho.

Assim, entre incertezas e conquistas, nascia um negócio de ouro, o Comercial D’Agostini. Por volta de 1979, já familiarizada com o novo estabelecimento e colhendo seus frutos, a família decidiu adquirir em definitivo a tradicional edificação que lhe servia de sede alugada. Ocupando quase uma quadra inteira, o prédio integra uma estrutura de grande proporção, com largas salas e um grande pátio na parte de trás. No conjunto de salas, uma de esquina em especial, é agraciada com um segundo andar de frente à praça Pio XII. O todo da obra compunha um local privilegiado para acompanhar as andanças urbanas, atrair os fregueses e para um jovem sonhar com o mundo.

O retorno financeiro obtido pelo Comercial D’Agostini em uma estrutura tão gigantesca só pode ser compreendido no contexto do forte comércio do município na época, hoje limitado a pequenas lojas, estabelecimentos e serviços mantidos por famílias tradicionais. Mas não só a expressão do comércio impulsionou o desenvolvimento da empresa: a estratégia das negociações em torno da compra da antiga empresa Reunidas Ouro está por trás do segredo desse sucesso. É Nilton quem revela como o pai consumou a negociação: “Tínhamos cotas no Frigorífico Ouro, que também era proprietário da Reunidas. Em 79, ao chegar a Capinzal, a Perdigão comprou o frigorífico e optamos por deixá-la administrar a empresa sozinha. Trocamos nossas cotas pelo prédio onde já estávamos desde 66”.

Naqueles tempos, o varejo local se resumia na compra e venda ou na troca de produtos agrícolas e carnes por outros não produzidos na zona rural do município. O comércio era restrito. Moradores da região necessitavam se deslocar de grandes distâncias até Ouro para realizar suas compras. “Não existia um comércio central. Vinham habitantes até de outras comunidades comprar aqui. De Presidente Castello Branco, linha Guarani e linha Rio Pardo, em Campos Novos. Gente de toda a região”, relembra Nilton.

O D’Agostini era um armazém de secos e molhados, daqueles que já começavam a se propagar nas áreas urbanas de Santa Catarina. Vendia um pouco de tudo. Utensílios domésticos, tecidos em metro, ferramentas para a lavoura e produtos alimentícios industrializados. Quando adentrava ao estabelecimento, o cliente se deparava com um grande pátio com sacas de cereais distribuídos no chão. Produtores-compradores com suas carroças, cavalos e caminhões carregavam para casa suas compras do mês. Nesse pátio aberto, também ficava a tradicional balança de chão para pesar as sacas de grãos, com a caderneta ao lado, um surrado livreto onde os funcionários anotavam cada compra e descontavam os produtos que eram adquiridos através do troca-troca.

Trazer produtos do interior do município era uma tarefa que exigia entrega e determinação dos colonos. A carroça, puxada por cavalos, mulas ou até por “juntas” de boi, sofria com os humores do tempo, mas nem por isso eles davam essa aventura por perdida. Depois de enfrentarem, horas a fio, o sol ou a chuva, chegavam ao destino, descarregando grãos, animais e hortaliças.

Pouco se lidava com dinheiro. Aquele era o tempo da caderneta e da troca de mercadorias. Registrava-se o nome da pessoa, o que vendia, o que comprava, como nas antigas formas de controle. Mas não se conseguia levar tudo que desejasse, porque nem tudo cabia na carroça. Além disso, o receio de os mantimentos estragarem também era motivo de muitos clientes reivindicarem o desconto, mês a mês, a diferença da venda, relembra Lourdes: “Era raro alguém colher grandes quantidades de cereais. Tudo era colhido a mão. Às vezes, contudo, a produção era maior do que os produtos que precisavam e íamos descontando aos poucos.”

Na volta para casa, aproveitando as poucas idas ao centro, os colonos tocavam viagem para suas distantes comunidades com as carroças lotadas de sacos de sal, farinha de trigo, querosene e ferramentas, enfim, das mais variadas mercadorias em troca da produção agrícola.

A relação com os fornecedores e compradores - colonos ou não - sempre foi amigável e parceira. Além de fomentar o bom e velho troca-troca, gerador de uma cadeia produtiva favorável ao desenvolvimento local, o comercial da família era uma referência destacada em toda a região. Os grãos, como soja, milho e trigo, eram estocados em um armazém anexo ao estabelecimento. Reuniam tantas sacas de cereais de um agricultor, tantas de outro para que no final da semana pudessem completar a carga do caminhão que transportava, até a sede da Ceval Alimentos S/A em Gaspar, no Vale do Itajaí, os grãos adquiridos pelo Comercial D’Agostini dos produtores do município.



Foto: Arquivo/Família D'Agostini

Sede Comercial D'Agostini

Ocupando quase uma quadra inteira, o prédio integra uma estrutura de grande proporção, com largas salas e um grande pátio na parte de trás. Hoje, aproximadamente 50 anos depois a estrutura arquitetônica se mantém em frente a praça Pio XII

DE GRÃO EM GRÃO, A CHEGADA À POLÍTICA

Acomodado em sua poltrona, próxima a janela, o proprietário do armazém monitora vigilante toda a conversa. Ouso mudar de rumo e perguntar sobre a sua carreira na política, sabendo que em 1982, o respeitado comerciante lançou-se a candidato a prefeito do município. Mal termino a questão, ele me interrompe: "Primeiro fui vereador em Lacerdópolis, ainda quando pertencia a Campos Novos. Em 63, eu estava nas negociações para Ouro e Lacerdópolis se tornarem municípios". Me senti na oportunidade de saber mais sobre esse acordo e peço que desdobre a história. Oziris para pensativo e, finalmente, conclui que não lembra mais os detalhes: "As pessoas davam muitos palpites", limita-se a dizer.

A eleição em 1982 previa uma disputa apertada. De um lado, Oziris e seu vice, Pedro Zaleski, um empresário do ramo de madeiras, em chapa apoiada pelo atual prefeito Ivo Luiz Bazzo, que possuía uma grande influência na articulação política da cidade e região. Do outro lado, estavam Domingos Boff e Lúcido Vetorazi, figuras populares que representavam uma renovação na política ourense. Tudo indicava para uma eleição agitada. Como previsto, o resultado foi disputado voto a voto. Domingos e Lúcido foram eleitos para o mandato de 1º de fevereiro de 1983 a 1º de janeiro de 1989.

Desgastado pelas rugas políticas que o desmotivaram a continuar concorrendo, Oziris desistiu dessa segunda carreira. “Tinha muitas brigas para decidir quem seria candidato”. Depois da nervosa eleição, o comerciante se dedicou exclusivamente, até o ano de 1996, a sua vocação: administrar e vender.

Transformações econômicas e os novos modelos de comércio, surgidos desde o início dos anos 90, começaram a causar turbulência no negócio do armazém. As lojas se dividiram em departamentos específicos, uma exclusiva para roupas, outra somente de ferramentas e ferragens, e por assim foi. A família D’agostini percebeu que seu comércio necessitava de uma mudança radical ou poderia sofrer avarias financeiras. No mesmo ano de 1996, o falecimento de dois irmãos de Oziris, Orvalino e Osvaldo, conselheiros e sócios dos negócios, também pesaram na escolha. A morte, as mudanças, a transfiguração do cenário, a insegurança: tudo contou para a decisão de fechar o comércio que há trinta anos movimentava o município.

A partir de então, o antigo estabelecimento familiar que recebia pessoas e produtos de toda a região passou a dar lugar a um novo modelo de comércio, a locação de salas comerciais. Foi durante a entrevista, ligando as datas e as circunstâncias dessa transição, que tive uma curiosa descoberta. Entre os primeiros aluguéis, estava um negócio de minha família: a farmácia à qual minha mãe se dedicou por dezessete anos para dividir com meu pai, professor de escola pública de Ensino Médio, as despesas no nosso sustento. E eu, uma criança que cresceu dentro do negócio de mãe, sonhava com o que empreenderia na vida adulta, assim como via pela janela da sala de esquina, uma cidade crescendo em tempos de ouro. Quando esse sonho foi tomando a forma de um livro eu não saberia dizer...

A descoberta me fez pensar, como os sonhos e projetos, tecidos e desfeitos pelas intempéries e pelos destinos alheios à vontade dos sujeitos da história, são recompensadores e dolorosos. Compreendi então o silêncio palpitante e grave de Oziris ao reconstituir a sua própria trajetória.



Lourdes, Oziris e Nilton

O armazém de "secos & molhados" da família D'Agostini introduziu um novo conceito de comércio em Ouro

O patroleiro do progresso

A carreta adaptada para uma espécie de casa ambulante pela prefeitura de Capinzal transitava com dificuldade pelas estreitas estradas de chão, na zona rural do distrito de Ouro. Com o balanço provocado pelos buracos, a patrola que vinha na frente rebocando a carreta-casa derrubava em seu caminho panelas, mantimentos, pedaços de móveis, tudo que havia dentro. Os seis habitantes dessa morada sob rodas chegavam a ficar mais de 30 dias fora de casa. As empreitadas eram longas e se estendiam ainda mais quando algum incidente ou avaria os surpreendia no percurso. A vontade de voltar ao lar aumentava nesses momentos. “Tínhamos até medo de abrir a porta da carreta e ver a situação dentro quando a gente parava”, conta o patroleiro do comboio.

Não foi nem uma nem duas vezes que **Domingos Antônio Boff** precisou ser socorrido pelo pequeno caminhão guiado por Valdemar Dambrós. O Chevrolet 48 seguia atrás com as mais variadas peças e ferramentas, sempre pronto a socorrer a caravana em qualquer falha mecânica. Quase sessenta anos depois, Mingo, como é conhecido por toda a região, olha para trás e revive as cenas desses tempos de desbravamento.

Naqueles idos de 1960, Ouro ainda era subordinado a Capinzal. Embora aventureiras e até perigosas, essas empreitadas como funcionário da prefeitura, encarregado da abertura e manutenção de estradas, fortaleceu seus vínculos com a cidade. “Conheço Ouro como a palma da minha mão”, diz o patroleiro. Ao apertar o braço esquerdo, se queixa de alguns desconfortos e dores que sente aos 80 anos, causados pela dureza do volante da antiga e única máquina que a prefeitura possuía.

Nesses princípios de cidade, o caminho de chão batido era só poeira ou barro. Tudo dependia das condições do tempo. As intempéries não ape-

DE GUIA DO COMBOIO A
PREFEITO, MINGO FOI O
HOMEM QUE RECEBEU A
GUARDA DA Balsa E
DAS ESTRADAS DO
MUNICÍPIO

10/07/19,
Centro

nas dificultavam o trabalho como prejudicavam a condição das estradas. Por vezes, a equipe era obrigada a interromper o tráfego enquanto fazia os reparos o mais rápido possível para liberar o fluxo das cargas, importante para o desenvolvimento da região. “Em alguns lugares era preciso colocarmos portões e trancar por alguns períodos, deixando passar apenas carros pequenos”.

A história de trabalho duro, de sol, de luta e de dias longe da família orgulha este homem, “órfão de pai aos 15 meses de idade”, como ele mesmo diz. Quando adolescente, 12, 13 anos, aguardava ansiosamente pelos cruzeiros que recebia nos finais de semana (algo em torno de R\$ 5,00) para ajudar a lavar as casas de alguns moradores. Apesar de pequena, a quantia era entregue com orgulho e rigor à mãe, que lutava para garantir o sustento dos dois filhos, Domingos e Amélia. “Não tenho vergonha de dizer que tirei pedra enroscada embaixo da patola. Aprendi muito trabalhando nisso e foi com esse trabalho que construí minha vida”.

Nessas andanças, foi testemunha das mudanças que transfiguraram o município. Viu áreas sendo desbravadas, famílias chegando para fazer e refazer a vida, propriedades ilustradas por lavouras de trigo, milho e soja. Além de cabeças de gado que tomavam conta do pasto.

Foi nessa rotina de abertura e manutenção das estradas que Mingo conheceu muitos moradores, fez amigos e construiu um vínculo ainda mais afetivo com a cidade natal. Alguns encontrava pelo caminho em suas carroças - e, mais tarde, nas caminhonetes - sempre lotadas de produtos levados ao comércio no centro da cidade. Outros grandes amigos que conheceu durante os serviços que prestava às comunidades rurais de Ouro como servidor público, não só nas vias públicas, mas também nos acessos particulares às propriedades.

Essa proximidade fez do servidor uma pessoa popular e reconhecida, alguém confiável ao ponto de ser o guardião da joia do transporte de Ouro e Capinzal. Por baixo do assoalho do porão da casa de propriedade da família, na área central, manteve até 1939, firme e acorrentada, a balsa que ligava os municípios germinados, até ela ser levada pelas águas.

NA ESTRADA DA POLÍTICA

A popularidade do homem que guardava a balsa embaixo do assoalho aguçou o interesse dos partidos. O cenário pesado e nervoso criado pela ditadura militar, marcada por governos autoritários, tornava-o uma figura proeminente para o lançamento de campanhas baseadas em promessas de renovação. Foi com esse pensamento que políticos influentes da época vislumbraram em Mingo a condição de ensejar a mudança na política ourense. Quando se deu conta já havia ingressado na vida política. “Não passava pela minha cabeça ser político”, revela. Lançado como vereador em 1976 pelo ex-prefeito Ivo Bazzo, Mingo lembra, com clareza admirável de detalhes, que haviam nove candidatos para sete vagas. “Fui eleito com 480 votos dos mais de dois mil eleitores que havia na época”.

A lembrança da eleição para governador biônico em Santa Catarina marca a memória do então vereador. No cenário turbulento da política brasileira, alguns cargos, como o de governador, eram indicados indiretamente e empossados, sem eleição direta. Representantes das câmaras de vereadores recebiam a responsabilidade de eleger o próximo governador do estado, numa espécie de confirmação da escolha já dada.

Em tom solene, conta como se passou em 1978, quando Jorge Konder Bornhausen, da Arena, partido que dava sustentação ao regime militar, foi eleito governador biônico indicado pelo general Ernesto Geisel. “Eu e o Ênio Bonissoni representamos Ouro naquela vez. Tínhamos que ir à tribuna da Assembleia Legislativa de Santa Catarina declarar em alto e bom som para quem era o nosso voto, no meio de todos os políticos que estavam lá”. Embora tivesse intenção diferente, mesmo ligado à Arena, não teve outra alternativa diante do candidato único. “Que opção eu tinha? Todos os políticos estavam lá olhando, marcando o voto da gente”, justifica.

Durante quase 25 anos, Ouro e seus vizinhos foram regidos por prefeitos impostos pela ditadura, aliados da Arena. Como vereador, Mingo percebeu que não se identificava com as ideologias do partido e iniciou um movimento de oposição. Com a tarimba de único opositor dos sete vereadores e já filiado ao antigo MDB, Mingo chega à abertura política de 1982, lançando-se a prefeito nas primeiras eleições diretas após o período autoritário. A chapa era formada com Lúcido Vetorazi, empresário no ramo madeireiro, candidato a vice.

Foi uma eleição apertada e agitada para os dois homens jovens com ideias de mudanças. Administraram o município de 1º de fevereiro de 1983 a janeiro de 1989 - até a Constituição de 1988, os mandatos tinham a duração de seis anos e a data de posse variava conforme o município. Candidato à reeleição no pleito seguinte, Mingo foi derrotado por Euclides Riquetti, professor e historiador. O fracasso, contudo, não o abateu: em 1992, candidatou-se novamente, com Carmelino Nora como vice e tornou-se prefeito pela segunda vez até 1997.

Falar dos primeiros dias como prefeito sem citar as ações voltadas ao fortalecimento da religiosidade católica local é, de certa forma, deixar de lado informações históricas importantes para um município cuja vida política não se separa da religiosa. À frente da administração, empreendeu esforços na retomada da procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, padroeira da cidade. “Muitas pessoas não sabem quando foi essa retomada”, lamenta.

Sua primeira ação como administrador foi revigorar a homenagem à “mãe das águas”, que há 25 anos não era mais realizada. “No início, por volta de 1925, a comunidade fazia uma pequena procissão com a balsa do seu Afonsinho da Silva”,



*Nossa Senhora dos Navegantes
Foto: Rádio Capinzal*

conta. “Depois, ela deixou de ser feita quando a balsa acabou sendo levada pela correnteza.”

Com a ajuda de uma equipe, em 2 de fevereiro de 1983, um dia após a posse, realizou a procissão em honra à padroeira, reunindo um grande número de devotos. O resultado foi majestoso. “Pegamos barcos emprestados em Lacerdópolis e fizemos a procissão fluvial, uma das poucas fora do litoral de Santa Catarina. Saímos do Parque Jardim Ouro e fomos até a ponte Irineu Bornhausen, onde uma grande multidão nos esperava”.

Hoje, a celebração faz parte do calendário de festividades tradicionais do município. A programação envolve devotos de diferentes comunidades por meio dos tríduos (pequenos cultos) e missas de preparação para a procissão anual. “Graças a Deus, os próximos prefeitos deram continuidade a ela”, conta com olhos de gratidão.

Mingo não ocupa mais um cargo político desde 1997, porém, sentado na sala de casa, pode admirar todos os dias o prédio amarelo da prefeitura. Acompanha a entrada e a saída de uma população que conhece muito bem, que assim como ele torce pelo crescimento do município. Mas nem todo desenvolvimento é sinal de progresso. Assim como o movimento da patrola, que passa pesada, abrindo estradas sem pedir licença, nem calcular o preço das mudanças, junto com o progresso sempre vem a destruição. Junto com as melhorias, vem o desaparecimento das coisas antigas que habitam a memória, a extinção dos marcos queridos na vida de uma cidade. Sempre que a patrola da modernidade passa são as preciosidades do antigo que correm perigo...



Foto: Jornal O Tempo

Inauguração do novo prédio da **Prefeitura de Ouro**, em 1980.
O prédio amarelo é admirado diariamente pelo patroleiro,
vereador e prefeito Mingo Boff

*Um amor cravado
na madeira do pé
de cereja*

A POBREZA O SEPAROU
AINDA CRIANÇA DA
FAMÍLIA E DA CIDADE
NATAL, MAS EM OURO,
JOÃO ESCREVEU UMA
NOVA HISTÓRIA AO
LADO DE JACI

11/07/19,
Centro

Muitas vidas parecem ter um princípio trágico só para que cada pequena vitória do seu percurso ganhe um sabor mais sentido e delicado. Ele foi mandado pelos pais ainda criança ao seminário em Curitiba, onde passou treze anos da infância e adolescência como interno para escapar das dificuldades que a família passava. Ficaram as marcas da separação dos pais e da cidade que o acolheu, mas essa tristeza de menino não tirou do homem **João Tessaro**, 84 anos, o amor e a gratidão pela vida e pela terra. Natural de Antônio Prado, na Serra Gaúcha, ele veio para Ouro aos seis anos de idade, uma terra até então desconhecida e pouco colonizada. A viagem foi longa e desgastante para a família de quatorze filhos, os mais novos, crianças de colo.

Foi um começo mais do que árduo. A pequena casa de madeira, na antiga propriedade de Vitorino Fracaro, onde hoje se localiza a linha Santa Bárbara, não acomodava devidamente uma família tão numerosa. As terras de morro e de mata densa não contribuíam para uma produção imediata, principalmente para quem precisava alimentar os filhos que pediam por comida.

- No início, sofremos bastante. Era uma casa bem pequena de madeira e o mato tomava conta do terreno. Lembro-me do empenho do meu pai e dos irmãos mais velhos para desbravar aquela região. Ali, começaram a plantar grãos, batata doce e mandioca.

Dois anos mais tarde, João mudou-se para Curitiba juntamente com seu irmão Carlos, para dedicar-se à vida religiosa. Na verdade, o seminário era uma opção de sobrevivência que confortava o coração do pai e da mãe, preocupados com a condição de saúde e educa-

ção dos filhos. Ao questioná-lo sobre as dificuldades, João é enfático:

- Nossa mãe do céu! Era muito difícil para os meus pais manter quatorze filhos em uma terra que não conheciam. E na cidade diziam que no seminário teríamos uma vida melhor.

Por alguns instantes permanece em silêncio e com olhar cabisbaixo, antes de lamentar os anos longe da família. João conta que apenas fez a “profissão simples” - denominação que se dá ao ensino básico religioso - e estudou filosofia escolástica na casa dos padres. A forte doutrinação imposta pelos religiosos na época, contudo, o deixava desconfortável com a vida de seminarista. Por isso, não deu continuidade à formação religiosa. Em meados dos anos 50, estava decidido a retornar a cidade que o acolheu e se aconchegar nos braços dos pais, de quem sentia uma “saudade gigantesca”.

No retorno, a família já não morava mais na antiga casa de madeira. Os irmãos pequenos já estavam grandes demais para ele pegar no colo. Os pais, que ele viu lutar contra a miséria, já haviam conquistado certa estabilidade financeira. Foi como ter sido varrido para longe da história as pessoas que mais amava.

- Voltei para Ouro e não conhecia ninguém. Até estranhava alguns conhecidos. Tive que recomeçar na cidade.

João entenderia dolorosamente que a vida é assim, feita de perdas e recompensas. Se o vínculo com a trajetória da família foi fragmentado na infância e adolescência para ser retomado depois de tantas águas passadas, outra história se iniciava junto com a força de um novo vínculo. Quando o ex-seminarista conseguiu emprego na Indústria Reunidas Ouro como balconista, não imaginava que ali, à beira do balcão, conheceria sua futura esposa.

Casados há quase 60 anos, João e Jaci estão sentados agora lado a lado no sofá da sala. Ele a olha nos olhos com um sorriso que se abre e ilumina o rosto pela lembrança do dia em que se conheceram pela primeira vez.

- Por várias vezes a via na loja e a olhava escondido. Um dia tomei coragem e fui atendê-la. A partir daí, nos conhecemos e namoramos por dois anos - diz, gargalhando inocente.

Jaci Zaleski Tessaro, a cliente da loja que encorajou o tímido João, nasceu e cresceu em Ouro. Mais precisamente no terreno onde hoje há um pé de cereja, como ela descreve, agora aos 79 anos. A árvore chama a atenção de qualquer um que seguir pela rua Senador Pinheiro Machado e é um marco de muitos enlances amorosos e duradouros. Na mesma rua, o casal vive há 59 anos, teve duas filhas, Paula e Ana, e tem como gratificação poder acompanhar diariamente, da janela da morada, o vaivém da ponte Irineu Bornhausen, que liga Ouro a Capinzal.

Ouro ainda era subordinado a Capinzal quando Jaci começou a trabalhar no comércio. Por estratégia de transporte e de atrair fregueses de outras regiões, as lojas ficavam nas imediações da Ponte Pênsil Padre Mathias Michelizza e da “balsa do seu Afonsinho da Silva”, que ficava em frente à atual prefeitura. Até 1952, com a construção da nova ponte, ambas eram as únicas formas de atravessar o Rio do Peixe e ir para os lados além de Capinzal.

Estabelecimentos como o J. Maestri, Comercial Baretta, Indústria Reunidas Ouro, loja de roupas do seu Pedro Faggion formavam o comércio. O casal também se recorda de um clube de festas onde hoje fica a Praça Pio XII e uma casa de saúde que já não existe mais. De todos os prédios enumerados por eles, só o J. Maestri sobreviveu. Nas lembranças, Jaci guarda o período em que trabalhou na Lancini & Cia.Ltda, de Edgar Lancini, na Rua XV de Novembro em Capinzal. A loja de confecções, com seus estoques volumosos e produtos de grife, se instalou primeiramente em Ouro, em 1948. Anos mais tarde transferiu-se para o município vizinho, que já possuía um comércio mais movimentado.

- Trabalhei na Lancini por quatro anos. Me dividia entre as duas lojas deles. Lembro que uma era a seção Elite, com sapatos e roupas mais caras. Mas quando casei, tive que sair porque na época poucas empresas empregavam mulheres casadas.

Esse aspecto cultural e peculiar a Capinzal e região tem obviamente uma mentalidade conservadora de que mulher casada deve cuidar da casa e dos filhos. Pode ser analisado também como ausência de políticas públicas que favorecessem a igualdade de gênero e o respeito aos direitos das mulheres que gostariam de seguir uma carreira. De lá, pra cá, mesmo que lentamente, muito mudou nos costumes, alguns dignos de ser preservados, outros não.

A VIDA NA SERRARIA

Se por um lado algumas coisas acontecem paulatinamente, outras oportunizam momentos inesperados. Já estabelecido com um pequeno armazém no centro da cidade, daqueles que vendiam tecidos, aviamentos e algumas coisas de “secos e molhados”, o comerciante foi surpreendido por um convite para trabalhar na administração da Serraria São José. Até hoje, ele busca razões para sua sorte:

- O diretor Valdemar Sartori e o Félix Casagrande, um dos maiores acionistas, me fizeram “mil” propostas para trabalhar lá. Não sei se simpatizaram comigo ou se porque a Jaci é sobrinha do Valdemar. Mas até hoje me pergunto o motivo dessa chance.

Surpreso, com uma proposta tentadora nas mãos, João aceitou o desafio e em 1961 entrou na serraria. A pequena loja que tinham foi, ainda por alguns anos, administrada por Jaci, que depois decidiu trabalhar somente em casa.

Dirigida ao comércio de exportação no mercado nacional, a São José movimentava a produção de móveis, portas e janelas. A maior parte da produção

era vendida para outros estados, muito pouco para os ourensenses. Tudo era despachado no trem da Ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul, que trafegava à beira do Rio do Peixe no lado capinzalense. Dono de boa memória, João contou sobre as parcerias da empresa para suprir as demandas dos estados.

- Na serraria onde hoje é a prefeitura, nós serrávamos a madeira e depois a levávamos para a fábrica aqui mesmo na parte debaixo da Pinheiro Machado. Também o Tranquilo Panisson mantinha uma serraria na Linha Novo Porto Alegre e havia outra na comunidade do Agudo. Todas cortavam madeira para nós.

Lamentavelmente, as matas foram pura e simplesmente destruídas, sem qualquer plano ou projeto de corte. A devastação se intensificou em toda a região do Vale do Rio do Peixe e, como consequência, resultou em uma redução gradativa do ciclo madeireiro. Uma mudança significativa foi o reforço imediato da fiscalização ambiental a partir das denúncias sobre grandes áreas de desmatamento na região. A presença persistente dos órgãos de defesa ambiental dificultou a atividade de extração ilegal.

- As leis sempre existiram, mas não eram seriamente cumpridas. Muitas serrarias sofreram com a fiscalização. Nós não éramos bandidos para nos arriscar a cortar madeira de madrugada.

Sua trajetória na São José durou até 1989 quando se aposentou. E decidiu aproveitar as experiências acumuladas ao longo da vida para conviver ao lado da esposa, filhos e amigos, usufruindo da saúde e bom humor que o caracterizam. Uma lembrança comovente não pode faltar nas memórias de João Tessaro: aos 72 anos, retornou à cidade natal de Antônio Prado pela primeira vez desde sua saída ainda criança. A visita tinha um motivo especial, a festa da família Tessaro. Devido aos anos longe da família, encontrou pessoas de quem não recordava nem mesmo o nome. Rostos desconhecidos, famílias novas, tudo foi como se vivido pela primeira vez. Também fez questão de ir à antiga casa onde nasceu para alargar a memória.

- Era ainda uma casa bem pequena, mas nas minhas lembranças era bem maior.



Jaci e João

"Por várias vezes a via na loja e a olhava escondido. Um dia tomei coragem e fui atendê-la. A partir daí, nos conhecemos e namoramos por dois anos", diz ele.

Capítulo 3

Cultivar o sonho para
germinar a terra

Cultivar o sonho para germinar a terra

As famílias dos imigrantes italianos, vindos principalmente da Serra Gaúcha, eram compostas por um elevado número de filhos, em média de 9 a 13. Mais membros na família representava mais braços para a lavoura.

A administração das propriedades se concentrava na figura do pai, o homem que decidia o que plantar, a terra a ser cultivada, a venda ou não dos animais. Já as mulheres integravam efetivamente atividades domésticas, como fazer a comida, o cuidado com os filhos e afazeres vinculados à produção alimentar caseira, como queijos, geleias, compotas, panifícios. Também tinham papel importante na confecção de roupas e de artesanato.

Ouro deve muito às famílias que no passado traçaram os primeiros planos de colonização, desbravando as terras e dedicando-se ao cultivo de grãos e à pecuária. Marcados pelos esforços coletivos e pela dedicação ao trabalho, esses núcleos familiares foram fundamentais para a geração de riquezas e responsáveis pelo desenvolvimento da região.

Atualmente as propriedades rurais sentiram as transformações, investiram em tecnologias e projetos de gestão. No entanto, o êxodo rural assombra o futuro do campo. As metas e padrões impostos pelos compradores alimentícios e o consumidor final colocam em xeque os pequenos produtores em razão da desvantajosa competição com as grandes propriedades. Homens e mulheres aqui ouvidos construíram monumentos humanos em resposta a esse desafio.

*Na “casa azul”, os
Simioni perpetuam
o sonho de vida na
lavoura*

AUGUSTO E ZULEMA
PRESERVAM, COM A
AJUDA DO FILHO, O
MODO DE VIDA DOS
ANTIGOS

09/07/19,
Distrito de Santa Lúcia

A distância era longa e o sinal do celular não colaborava para confirmar a entrevista. Decidido a remover todos os obstáculos atrás dos protagonistas da história, tomo rumo em direção à grande casa azul dos Simioni, no Distrito de Santa Lúcia. No caminho, acompanho os rastros da densa geada que atingiu o município nas primeiras horas da manhã, deixando uma vasta área de vegetação “queimada”.

Após um trajeto de 26 quilômetros, me deparo com uma estrada de chão estreita, rodeada por árvores que formam uma grande sombra. Alguns metros à frente, chego à entrada da propriedade. Diante de mim, uma casa grande, toda pintada de azul, com grandes janelas, tábuas medianas e um varandão com vista planejada para a lavoura e para a criação. O casal **Augusto e Zulema Simioni** já me esperava ansiosamente. Logo que desembarco do carro sou calorosamente recebido e convidado a entrar. “Fizemos o serviço antes, sabíamos que viria”, comenta Augusto enquanto subimos as escadas que dão à sala.

Devidamente acomodados, observo a trama cuidadosa da arquitetura do casarão, com as tábuas colocadas uma a uma, sem imperfeições. Vem a primeira pergunta: qual a idade da construção? Com as mãos cruzadas, o patriarca para e pensa: “São 66 anos”, diz, finalmente, lamentando não recordar o nome da pessoa que ajudou seu pai, já falecido, na obra. “Ele merece o reconhecimento por permanecer durante os dois anos ao lado do meu pai até a construção ser finalizada”.

Toda a madeira da casa vem da propriedade. “O mato aqui era tomado de boas madeiras. Tinha angico, canela amarela, cedro e cabreúva”, descreve, com o ar sério de seus 60 anos. Lembra que o pai serrou e depois plainou manualmente as mais de 700 tábuas”. Você po-

de imaginar o esforço que ele fez para termos uma casa boa”, diz Augusto, em tom agradecido.

Herdeiro da casa e das atividades que aprendeu com os pais, Augusto é o único entre os quatorze irmãos que permanece na terra onde nasceu. “A família foi se dividindo. Uns irmãos foram para Descanso, outros para Florianópolis. Poucos permaneceram por aqui. E eu fui ficando e mantendo a propriedade”.

Entre as cenas mais marcantes de sua vida, o agricultor lembra as duas vezes em que conseguiu reunir os irmãos para um encontro de laços de berço e sangue. “Fizemos uma churrascada e reunimos toda a família. Foi a coisa mais linda do mundo”. Pela primeira vez, o semblante fechado dá lugar a uma alegria contagiante quando ele narra o acontecimento e Zulema retorna do quarto com um álbum nas mãos. “Essa é a foto do dia em que se reuniram”, diz ela, apontando para a imagem em que os irmãos aparecem lado a lado, alguns abraçados, todos com sorriso de orelha a orelha.

Desde jovem, Augusto Simioni se familiarizou com as pesadas lides da roça. Trabalhava ao lado dos pais, com quem aprendeu o manejo da criação, técnicas de cultivo do milho e trigo e de manobra da carroça de boi, que ainda hoje mantém. A carroça é puxada pela dupla Preto e Gaúcho, “É preciso ter uma sintonia com os animais para eles obedecerem a direção para onde queremos ir”, ensina ele, apontando para os bois ao lado do paiol.

O agricultor também lembra as dificuldades que os pais passaram e a luta deles para proporcionar aos filhos uma vida digna. Curva os olhos, fica em silêncio por alguns instantes e comenta: “Viviam em uma grande miséria para sustentar quatorze filhos. Mas uma coisa meus pais sempre nos ensinaram: a educação e o trabalho para manter tudo o que conquistamos”.

Naquela época, Augusto perdeu as contas das vezes em que foi a cavalo às pequenas vendinhas que as famílias Arcego e Bassoto administravam no distrito de Santa Lúcia. O cavalo retornava a passo lento, carregado de mantimentos que não eram produzidos na propriedade. No local, os comércios também compravam a produção ou faziam o conhecido troca-troca, mas a renda mensal dos Simioni sempre variava. “O interesse dos comerciantes era só o deles mesmo. Se eles não viam saída do produto, não vinham buscar. Lembro às vezes em que o paiol ficava lotado de milho e acabava apodrecendo. Assim, não tínhamos uma renda fixa”, lamenta o patriarca.



“É preciso ter uma sintonia com os animais para eles obedecerem a direção para onde queremos ir”, diz Augusto.

O prazer de estar há tantos anos vivendo na propriedade da família cresce com a certeza de que foi ali, com o trabalho duro e suado, que ele fez a vida. E comprou bens, como o fusca bege 74, aos 22 anos. Também foi onde casou e educou os dois filhos, Ariel e Lindamir, ele empregado na lavoura do pai; ela casada, cuidando da própria família. “No início foi difícil; não tinha horário, não tinha dia ou noite. Tudo era feito a mão. Precisava de qualquer forma terminar o serviço para não correr o risco de perder a produção”, relata. “Era complicado, mas graças a Deus consegui dar uma vida boa aos meus filhos e esposa”. Atribui essa vitória à dedicação e aos valores construídos pela família que sempre levou para suas atividades.

Durante o encontro, Zulema, natural da linha Ficagna, que pertence a Joaçaba, fala pouco, mas participa com os olhos. Sentada próximo à escada de madeira de degraus pequenos que leva aos demais cômodos da casa, apenas observa atentamente o marido falar. Suas expressões faciais e acenos positivos com a cabeça ajudam a expressar o significado afetivo dos momentos vividos em 34 anos de vida juntos. “A gente conversa bastante para decidir o que fazer”.

Hoje, com a ajuda do filho, o casal ainda cultiva as mesmas culturas agrícolas de 20 anos atrás. Vive como nos velhos tempos, fazendo a lavoura de milho, lavrando com a carroça dos bois, produzindo o leite, que hoje proporciona uma renda mensal. A família usa ferramentas manuais, um hábito raro para esses dias de adesão às novas tecnologias: “Tenho foice, enxada, carroça, tudo que era do meu pai. É preciso dar valor ao que eles deixaram”, reitera Augusto, em meio às ferramentas no porão da casa, lugar que fez questão de mostrar.

Do lado de fora, já de partida, pergunto ao casal: “Vocês pensam em algum momento vender a casa azul e ir para a cidade?” A resposta vem pronta e quase simultânea: “Não, somos felizes aqui”.

Zulema e Augusto

“Viviam em uma grande miséria para sustentar quatorze filhos. Mas uma coisa meus pais sempre nos ensinaram: a educação e o trabalho para manter tudo o que conquistamos”, diz ele.



*Quatro gerações
vivendo em torno
da mesma mesa*

NÉZIO VIGANÓ UNIU-SE À
FAMÍLIA DA ESPOSA,
COM QUEM
COMPARTILHA A
HISTÓRIA ÉPICA DOS
ANTEPASSADOS E OS
DESAFIOS DO PRESENTE

18/07/19,
Linha Bonita

Duas tradições intocáveis se perpetuavam neste meio oeste catarinense quando **Nézio Viganó** decidiu constituir a família: após o casamento, a mulher devia se mudar imediatamente para a propriedade do marido, onde, com a graça de Deus e da boa saúde, davam início a uma prole numerosa, com grande número de filhos, netos e bisnetos. O valor de uma família era medido pela quantidade de descendentes na mesa do almoço. Era necessário “esticá-la” com seus mecanismos de madeira, em segredo embaixo da toalha, à medida que aumentava o número de habitantes da casa.

Para preservar a tradição da família da esposa, Nézio Viganó fez um percurso contrário ao dos patriarcas agricultores do município. Ao se unir a **Marlene Baretta Viganó**, foi convidado pelo sogro, Ambrósio Baretta, a morar em sua propriedade de cinco colônias [medida agrária correspondente à 50 alqueires] na Linha Bonita, onde já dividia a terra com seu irmão, “O pai dela me fez esse pedido porque não queria que a filha mais nova fosse embora”, conta.

De lá para cá, as relações culturais mudaram, mas a família de Nézio, 76 anos e Marlene, 71, é protagonista de uma bonita relação de amor e vida familiar em quatro gerações, todas vivendo na mesma propriedade. Ao chegar ao recanto dos Viganó, sou recebido por Marlene, que aguarda ansiosamente a visita e faz questão que eu permaneça para o almoço. Minutos depois, aparece seu Nézio, de jaqueta de couro, dizendo que ela era antiga, mas muito boa para aquecer naquela manhã fria.

Conversa vai, conversa vem, próximo ao meio-dia, ouço o som de um trator se aproximando. Logo aparece o restante da numerosa e trabalhadora família que ainda não tinha visto desde a chegada, um pilotando a má-

quina, outros caminhando a pé, vindos da lida com as plantações. Brian (filho), Rafaela (nora), Oscar (genro de Brian e Rafaela) e os caçulas da família, Maria (neta) e Pedro (bisneto). Ainda moram ali as outras netas, Vanessa que chegou pouco depois e Letícia, que estava estudando em outra cidade, não chegaria a tempo para a entrevista.

Todos nos aconchegamos no espaço conjugado entre a sala e a cozinha da casa vermelha de madeira dos Viganó. Alguns sentam no sofá, outros buscam cadeiras nos fundos da casa. As crianças se acomodam no colo dos pais e teve até gente sentada na caixa de lenha para ouvir as histórias dos familiares.

Como em toda epopeia de família, esta começa pelo início. Casado há 52 anos, Nézio perdeu as contas das vezes em que saía para encontrar Marlene às escondidas, devido à forte resistência imposta pelo sogro. “Duas irmãs mais velhas ainda não tinham casado. Eu só poderia depois delas”, conta Marlene. Na época, os filhos mais velhos mantinham o lugar de “preferência” na vez de casar e namorar antes dos mais novos. Ela revela que precisou namorar Nézio por dois anos, escondida entre as propriedades para fugir à vigilância do pai, até que as mais velhas seguissem seus caminhos. “Foi um namoro de estrada”, completa rindo. Nascido na região onde atualmente se localiza a Linha Sul, na zona rural de Ouro, Nézio desde cedo ajudava os pais nas tarefas da casa e da propriedade. Era conhecido na comunidade por sua determinação e bom coração. “Gosto de trabalhar pela comunidade. Me sinto feliz ajudando os outros”.

Desde jovem, tem vocação para mecânica e veterinária, mesmo sem nunca ter estudado formalmente nessas áreas. “Aprendi tudo com meu pai. As pessoas vinham me procurar para arrumar um motor ou para vacinar um animal. Eu sempre ia porque gostava de ajudar”.

A partir dessas ajudas voluntárias, acabou realizando uma viagem para Florianópolis pela “4S” - Saber, Sentir, Servir, Saúde - uma associação sem fins lucrativos que era organizada nas comunidades para fortalecer a recreação, capacitação agrícola dos associados e a unidade e produtividade das propriedades rurais. Quem conta é Marlene: “Você fez um curso na Capital, Nézio, lembra? Foi pela “4S”, né? Acho que temos a foto de lá ainda.”



Nézio foi um dos felizardos a participar da capacitação agrícola promovida pela associação 4S, em 1965, na capital catarinense

Foto: Arquivo/Família Viganó

Depois de pensar um pouco, Nézio confirma o curso e de como se sentiu gratificado por ser o escolhido a representar o município no evento. O curso abordava técnicas de manejo agrícola e noções de veterinária sobre como aplicar as vacinas, fazer alguns testes de doenças e proteger a criação contra a peste suína. “Lembro que aconteceu no ano que nevou, em 1965. Eram 32 participantes e eu estava entre os felizardos escolhidos. Na data marcada, me levaram de jipe até Joaçaba e depois peguei um ônibus. Ficamos de um a dois dias, não tenho certeza”.

Se por um lado o curso, assim como a sua primeira visão da neve, foi inesquecível, o retorno, no entanto, está longe de ser uma boa lembrança. Naqueles tempos, o trajeto de 400 km parecia muito mais longo, as horas não passavam e a condição da estrada não era das melhores, grande parte de chão. “Na volta, peguei carona em um caminhão de carga que vinha para Concórdia. Pior coisa que fiz foi aceitar”, lamenta. “Aquilo balançava demais, eu ia de um lado para o outro. Não via a hora de chegar. Só lembro que vomitei logo que paramos”, conta com bom humor os perrengues da aventura.

A partir de então, passou a pôr em prática o conteúdo. Cada vez mais as pessoas o chamavam para tirar alguma dúvida ou para prestar algum serviço na Linha Bonita ou nas comunidades vizinhas. Nesse momento, Nézio permanece em silêncio, abaixa a cabeça e faz um breve desafogo: “Às vezes penso que ajudei demais as outras pessoas. E o que eu construí não é o bastante para a minha família”. A entrevista até então, alegre e participativa, pesou por instantes, entrando em um silêncio que parecia não ter fim.

Em dúvida se deveria intervir ou deixar que algum membro pudesse mudar o estado de ânimo do entrevistado, busquei com os olhos alguma ajuda ao redor. E ela não poderia vir de alguém melhor a não ser da esposa que o conhece intimamente para levantar o astral do marido. O discurso da agricultora, que estudou apenas até a quarta série, foi firme e preciso: “Olha o que você está falando! Se todos estão aqui, juntos com você, é porque está dando o seu melhor para nossa família”.

Ao ver Nézio quieto e cabisbaixo, decidi mudar o rumo da entrevista. Para quebrar o silêncio, pergunto a Marlene sobre sua origem. Aos 71 anos, todos eles vividos na comunidade, uma das lembranças marcantes da filha de Ouro está na carta do pai, escrita em máquina de datilografia direcionada à mãe Margarida. Na mensagem, Ambrósio que serviu o exército na Revolução de 1930, mandava notícias à família.

Movimento de revolta armado, liderado pelos estados de Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, a Revolução de 30 tirou do poder, através de um Golpe de Estado, o presidente Washington Luiz. Com o apoio de chefes militares, Getúlio Vargas chegou à presidência do país, o que marcou o fim da República Velha. A correspondência, porém, nada tinha a ver com o panorama político do país. “Cada filho tem uma cópia dessa carta que ele enviou para a minha mãe. Ela faz parte da nossa história”, mostra emocionada. “Ali embaixo ele fez até um versinho”, diz ela, apontando para a sua cópia impressa da herança paterna:

*Vai-te cartinha venturosa
Vai a quem eu quero bem
Diga lá que eu fiquei triste
De não poder ir também.*

O versinho e o saudosismo dessas boas lembranças trouxeram de volta a jovialidade que tomava conta da casa. As crianças já brincavam lá fora; podia-se ouvir as risadas e o barulho da bicicleta na grama. O aroma da comida curtindo no fogão a lenha aguçava ainda mais o paladar das histórias.

Muitos momentos ganharam vida ao serem trazidos à luz da memória em torno do calor da brasa. Indagados se sentiam saudade daquela época de juventude, Marlene não se demora a responder pelos dois, com a cumplicidade de mais de 50 anos de vida em matrimônio. Parecia que o sim estava na ponta da língua, por trás de cada imagem evocada: “Íamos sempre à igreja e as pessoas até se preocupavam se faltávamos. Também fazíamos muito filó. Comíamos amendoim, pipoca, mate-doce, bolacha e chimarrão. Jogávamos conversa fora, dávamos risada. Era muito bom visitar as pessoas”, conta ela, quase suspirando.

Como todo homem do campo que conhece muito bem a terra onde pisa, Nézio não poderia deixar de exaltar o resultado da produção de anos atrás. “Em 76, vendi 36 porcos e com o dinheiro consegui comprar um carro zero. Hoje é tudo por meta; tem que seguir o mercado se não ficamos para trás”.

AS TECNOLOGIAS TRANSFORMARAM O CAMPO

A produção começou a ser feita em grande escala e os produtos precisam seguir um padrão rigoroso de qualidade e quantidade. São condições duras e pesadas para um produtor pequeno se equiparar ao produtor de grandes propriedades. “Somos pequenos agricultores. Ainda incentivo meus filhos e netos e até meus bisnetos a permanecerem na roça para tentar produzir mais. Mas hoje, já estamos indo para um trabalho de domingo a domingo, sem horário e só pensando em trabalhar”, lamenta Nézio.

Entre indas e vindas, épocas e transformações, tive a surpresa de, dias após a entrevista, seu Nézio encontrar meu pai pelo centro de Ouro. O velho agricultor queria fazer um apelo, que ao ser comunicado me revigorou e pude compreender que este projeto não apenas quer reconstruir um passado, mas também o presente em constantes epopeias: “Peço desculpas, no dia da entrevista estava triste, para baixo. Diga para seu filho que sou um homem feliz”.



À direita, as quatro gerações da família Viganó. **Marlene e Nézio** ao centro da imagem



Posfácio:

A Redescoberta de Ouro pela memória

“Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

Vale lembrar esse pensamento de Ecléa Bosi¹ para compreender o valor de enaltecer a memória de um lugar. A reconstituição dessa memória coletiva reuniu personagens que mantêm uma forte relação com a cidade, capazes de tecer suas memórias e de evidenciá-las como elementos de formação do sentimento de pertença ao qual se chama comumente de identidade do lugar. A importância do registro de memórias os habitantes de uma cidade também é enfatizada por Maurício Abreu² :

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos) e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro importante para a sua identidade.

Não há ninguém melhor a ser ouvido do que os próprios moradores e protagonistas deste município para narrar e costurar em palavras a intensidade de suas experiências fundidas à história do lugar. Se solitárias, as narrativas que eles sustentam não passam de lembranças individuais. Entretecidas, compõem um emaranhado de discursos, abarcam a memória coletiva das pessoas em sua relação com a cidade, do jeito que se busca compor aqui: com vidas interligadas, protagonistas, cenário, emoções, gestos, pequenos e grandes acontecimentos que formam as micro-histórias, miríades que vão compor o grande épico da aventura das comunidades rurais que deram origem às concentrações urbanas.

A hospitalidade e acolhida espontânea dos moradores nos encontros, sempre aproximados por jantares, almoços, “rodas de chimarrão” e comidas caseiras, alimentaram os diálogos deste livro. Ainda que alguns entrevistados mais introspectivos parecessem receosos ou falassem pouco, todos estavam dispostos a compartilhar suas histórias. Por se tratar de diferentes perfis, épocas e assuntos relacionados, foi preciso deixar cada pessoa livre, aberta a contar, respeitando a disponibilidade, os limites de cada um e indagando pontualmente

¹BOSI, Ecléa. *Memória da cidade: lembranças paulistanas* (p. 199, 2013).

²ABREU, Maurício. *A produção do espaço urbano* (p. 29, 1998).

sobre sua história oral. Uma vez que cada família e cada habitante guarda um ponto de vista diferente em relação à comunidade onde vive, pode-se falar no sentimento de pertença a um lugar que tende a se completar e a se fortalecer com esse tipo de memória. No caso específico de seu Dorvalino, tive que resguardá-lo de um interrogatório maior, em respeito às suas limitações de saúde.

Seu falecimento logo após o nosso encontro foi um baque forte, mas em vez de causar desânimo, aumentou a minha responsabilidade de aproveitar ao máximo todas as informações verbais e não-verbais resultante da convivência com o agricultor e seus familiares. Ao final, agradei a oportunidade e o privilégio de ter tomado o depoimento raro de uma trajetória de vida tão importante para a cidade.

A princípio tive receio de que o gravador intimidasse de alguma forma os narradores de Ouro, pessoas de pouca familiaridade com equipamentos midiáticos. Contudo, depois de poucos instantes de conversa com os primeiros entrevistados, senti que o tempo passava sem ninguém perceber. E a presença intimidadora do gravador, que em um primeiro momento parecia um fator de estranhamento, logo foi apagada ou se integrou naturalmente às conversas.

A dificuldade estava em ativar as lembranças dos entrevistados. Muitos não esperavam pelos questionamentos e lamentaram não terem registrado durante a vida momentos marcantes por não proverem de instrumentos de registro, na época, como máquinas fotográficas ou gravadores de voz. Alguns lamentaram ter confiado apenas na lembrança e não terem anotado datas dos acontecimentos, guardando fotografias ou aproveitando oportunidades para eternizar os momentos em família e com os amigos. Outras vezes, essa resistência vinha do simples fato de acharem que as histórias que eu recolhia eram acontecimentos banais, desprovidos de interesse maior. Essa dúvida sobre a importância de suas próprias memórias, que só os gigantes humildes carregam, foi trazida pelos próprios habitantes e foi o que mais me comoveu.

No desenvolvimento dos textos, procurei agudizar todos os sentidos para os ditos e não-ditos, observando, ouvindo, percebendo sentimentos, objetos, gestos, momentos, emoções, contatos, diálogos em *off* que integraram o ambiente no decorrer dos encontros. Espero que o meu encantamento e sensibilidade com a realização deste trabalho de escavação da memória, sobretudo com o desenvolvimento das possibilidades narrativas a partir das lembranças dos fundadores da comunidade, possam ser percebido pelos leitores e espriar para eles essa satisfação. Logo, essa experiência pode ser resumida numa frase do escritor e jornalista uruguaio, Eduardo Galeano:

- A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Citações

LOCALIDADES E REFERÊNCIAS:

- 4S - Saber, Sentir, Servir, Saúde
- Antônio Prado/RS
- Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc)
- Bairro Parque Jardim Ouro
- Campos Novos/SC
- Capinzal/SC
- Ceval Alimentos S/A
- Comercial Baretta
- Comercial D"Agostini
- Concórdia/SC
- Congregação Filhas de Maria
- Diocese de Joaçaba
- Distrito de Santa Lúcia
- Escola de Educação Básica Frei Crispim
- Ferrovia São Paulo - Rio Grande do Sul
- Florianópolis/SC
- Frigorífico Ouro
- Indústria Reunidas Ouro S.A
- J. Maestri
- Joaçaba/SC
- Lacerdópolis/SC
- Lancini & Cia.Ltda
- Linha Agudo
- Linha Bonita
- Linha Ficagna
- Linha Guarani
- Linha Leãozinho
- Linha Novo Porto Alegre
- Linha Pinhal
- Linha Rancho Grande
- Linha Rio Pardo
- Linha Santa Bárbara
- Linha Sul
- Paróquia São Paulo Apóstolo
- Perdigão (BRF S.A)
- Ponte Irineu Borneausen
- Ponte Pênsil Padre Mathias Michelizza
- Praça Pio XII
- Presidente Castello Branco/SC
- Revolução 1930
- Rio do Peixe
- Romaria Frei Crispim
- Rua Felipe Schmidt
- Rua Presidente Kennedy
- Rua Senador Pinheiro Machado
- SC-467 (Ouro - Jaborá)
- Serraria São José

Citações

FAMÍLIAS E PERSONALIDADES:

- Afonsinho da Silva
- Ambrósio Baretta
- Amélia Boff
- Anélia Bernart
- Carmelito Nora
- Dom Frei Mário Marquez
- Domingos Antônio Boff
- Edgar Lancini
- Ênio Bonissoni
- Euclides Riquetti
- Família Cesca
- Família Arcego
- Família Bassoto
- Família Bazzo
- Família D'agostini
- Família Fachin
- Família Facin
- Família Forquezato
- Família Franch
- Família Pecher
- Família Tessaro
- Francisco Bazzo
- Frei Adelino Lovatel
- Frei Barnabé Tenani
- Frei Crispim Baldo de Vigorová
- Frei Lourenço Kachuba
- Frei Otávio de Araucária
- Frei Patrício Kódermaz
- Félix Casagrande
- Governador Jorge Konder Bornhausen
- Ivo Luiz Bazzo
- João Andreoni
- Leucir e Alcir Biarzi
- Lúcido Vetorazi
- Mário Cesca
- Nossa Senhora dos Navegantes
- Orvalino e Osvaldo D'Agostini
- Padre Demétrio Beldi
- Pedro Faggion
- Pedro Táparo
- Pedro Zaleski
- Tranquilo Panisson
- Valdemar Dambrós
- Valdemar Sartori
- Vitorino Fracaro
- Vitório Gusso



As páginas que compõem *Narradores de Ouro: uma cidade viva na memória* nos levam a uma viagem no tempo, guiada por sonhos, fatos, memórias e epopeias de pessoas que construíram uma comunidade com o melhor de si.

O livro revela-se na valorização da memória dos seus habitantes, com o cuidado de fazer uma história do vivido e do narrado pautada pelo zelo na apuração das informações. Procura remover a densa poeira dos tempos esquecidos, dos poucos registros da história de Ouro e eternizar por meio de uma memória de papel, aspectos extraordinários vividos por seus habitantes em tempos passados.

Reconstituir a história de um povo é permitir que a atual e as futuras gerações fortaleçam seus laços com o lugar conhecendo os feitos e o modo de ser de sua gente.

